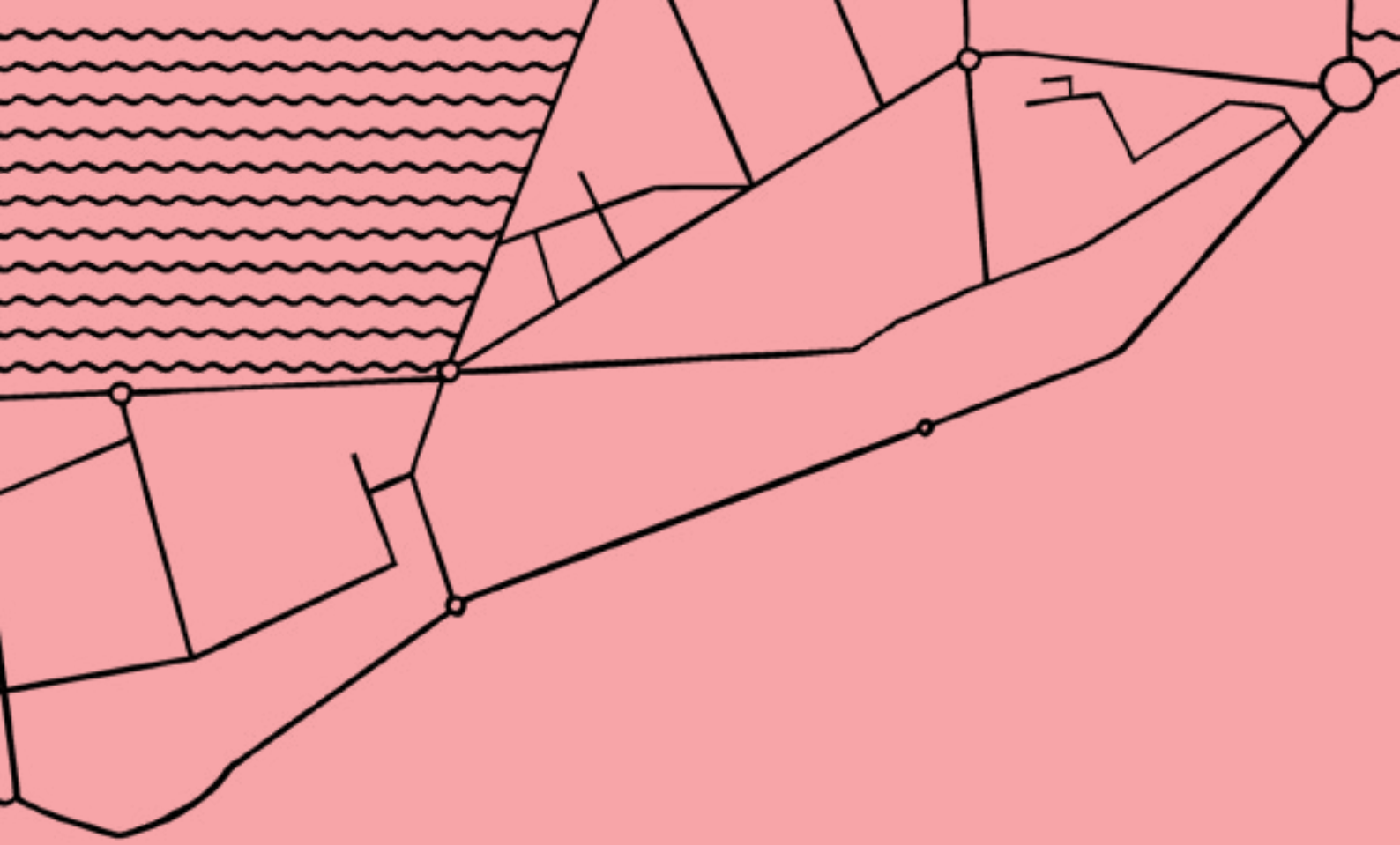
AMAReMAR

IMPRESSÕES ·
ARTE ·
COMUNIDADE ·

amaremar

esposende
câmara municipal



AMAReMAR
IMPRESSÕES ·
ARTE ·
COMUNIDADE ·

9 **AMAReMAR... UM PROJETO DE AFETO**
Benjamim Pereira

11 **PRÁTICAS ARTÍSTICAS E PARTICIPAÇÃO**
EXPERIMENTAR E CRIAR PARA FAZER CAMINHO
Hugo Cruz

17 **ANCORAR O FUTURO ATRAVÉS DO PRESENTE**
Diogo Zão · Marina Costa

23 **QUANDO O MAR É MAIS:**
UM TESTEMUNHO INDIRETO
Teresa Mora

26 **AS VOZES DE QUEM FAZ O AMAReMAR**
Testemunhos de participantes das oficinas AMAReMAR

37 **ARTISTAS - FORMADORES**
Joana de Rosa · Ana da Silva · Rogério Ribeiro · André Silva · Filipe Miranda · João Miguel · Eva Fernandes · Hugo Cruz · Susana Madeira · Rosário Costa

90 **O LEGADO QUE DEIXAMOS**
Cronologia dos eventos AMAReMAR

92 **AS PALAVRAS QUE NOS INSPIRAM**
Glossário de vocabulário da comunidade piscatória de Esposende

AMARe MAR

“Amar” e “Mar” remete-nos para duas temáticas centrais e indissociáveis neste projeto: a ligação da comunidade ao mar, às vidas do mar, e respetivas vivências, histórias, afetos e sentimentos; e a vontade de potenciar o envolvimento da comunidade na exploração e (re) descoberta da cultura local. Para tal, a proposta passou pelo desafio à participação em todas as fases do projeto – na pesquisa e recolha de narrativas, vivências e costumes, integrando as várias oficinas artísticas e, inevitavelmente, enquanto atores.

E vamos começar

E vamos começar
Neste palco sem parar
Vamos tentar fazer revista
Nunca antes aqui vista.

Isso é certo.

Esposende será o mote
E vamos nesse bote
Navegando no mal e no bem
Isto irá atingir alguém

Alguém? Ninguém? Não sei.

Revista é isto mesmo
Dizer verdade
Com tempero
Às vezes sai um palavrão
As crianças saltam e dizem

NÃO!

Triumph'arte - Grupo de Teatro Comunitário
de Esposende, 2019

Presidente da Câmara Municipal de Esposende
Arquiteto
Benjamim Pereira

AMAReMAR... UM PROJETO DE AFETO

AMAReMAR, é para mim, um projeto de afeto, de convívio intergeracional, de partilha de experiências, de temáticas e de preocupações sobre o território. Um espaço democrático, de exercício pleno de cidadania que, através das diferentes oficinas artísticas, coloca pessoas de diferentes gerações a refletir sobre as suas raízes, a sua cultura local e a manifestarem o querer mais e melhor para a sua terra e as suas gentes.

Fazendo uma retrospetiva à data da inauguração da sede do AMAReMAR, há 6 anos, a alegria, a felicidade, a esperança que vivenciei e senti junto das pessoas da comunidade que estavam a iniciar o projeto e o trabalho social e artístico que tem vindo a ser desenvolvido ao longo destes anos, com a apresentação de diversas performances artísticas a nível local e nas cidades limítrofes, é uma demonstração efetiva que a arte é enaltecedora e transformadora na vida das pessoas.

Arte, Comunidade, Cultura, Educação, Ambiente, Intergeracionalidade, Bem-estar social, áreas que diariamente ouvimos falar como fundamentais na criação de uma sociedade mais solidária e mais justa, mas que ganham outra forma e força se tivermos em conta o seu contributo e cruzamento multidisciplinar.

Como autarca deste concelho, tenho a convicção que o AMAReMAR é um projeto municipal que tem subjacente medidas de política social, educacional, cultural, ambiental e que contribuímos para a execução da Agenda 2030, promovendo a igualdade de oportunidades, reduzindo/prevenindo fenómenos de pobreza, desigualdade de género, isolamento e apatia social.

Projetos desta natureza, em que a essência são as pessoas, o seu pensamento, o diálogo constante, muitas vezes diferente e contraditório, e a decisão conjunta de fazer arte, devolvendo-a à sua comunidade, é um exemplo magnífico que Esposende é uma cidade educadora.

Diretor Artístico do Projeto AMAReMAR
Consultor do Programa Municipal de
Arte Comunitária de Esposende
Hugo Cruz

PRÁTICAS ARTÍSTICAS E PARTICIPAÇÃO

EXPERIMENTAR E CRIAR PARA FAZER CAMINHO

Há cerca de sete anos, um município decidiu olhar para as práticas artísticas comunitárias como um território privilegiado de cruzamento e experimentação de outras realidades possíveis. Iniciava-se, assim, um caminho que assumiu contornos e texturas diferentes durante o passar do tempo e que se inscreve, em parte, neste livro. Sabendo que é inviável este objeto ter a capacidade de dar conta de um percurso tão diverso, rico e complexo ele é, mesmo assim, um dispositivo essencial para registar e refletir uma trajetória, já considerável, mas que se encontra em contínua coconstrução.

Este livro, construído com base numa coautoria é, assim, coerente com os princípios das práticas artísticas que se consolidaram desde 2015 neste território. Um dos seus principais interesses e contributos está na sua polifonia criando espaço para os/as diversos/as protagonistas destes processos – cidadãs/ãos, artistas profissionais e não profissionais, técnicos/as socias e educativos/as, agentes associativos, decisores/as políticos/as, académicos/as, entre outros/as. Para além da impressão de vozes distintas, a forma como estas se expressam é também múltipla, até pelas componentes textual e de ilustração do livro.

Não hesito em afirmar que Esposende traduz, de forma idiossincrática, o que tem vindo a ser uma tendência nas sociedades contemporâneas ocidentais no que concerne às práticas artísticas comunitárias. Se por um lado, os campos da educação, social, da saúde e mais recentemente do ambiente, muito em reação ao esgotamento de políticas e ações nestas áreas, se tem vindo a interessar ativamente pelo diálogo com as abordagens artísticas; por outro lado, a criação artística contemporânea, numa tentativa de alargamento de públicos e protagonistas, tem vindo a integrar intensamente a dimensão participativa nos seus procedimentos e tecnologias. Considerando a evolução muito significativa deste campo nos últimos anos, é importante clarificar do que falamos quando usamos o termo práticas artísticas comunitárias.

De forma sintética, pode-se dizer que estas práticas pressupõem foco no carácter experimental e atualizam os conceitos de arte comunitária e participativa, inspirações relevantes, mas que pedem hoje uma reinvenção. Fala-se, portanto, de práticas que assentam na: criação coletiva; ligação ao território e contexto sociopolítico; relação horizontal entre artistas profissionais e não profissionais; flexibilidade e abertura dos processos e resultados; autoria partilhada; reflexão crítica das/os artistas e públicos; negociação e tomada de decisão conjunta; conexão às preocupações reais das/os cidadãs/ãos. A diversidade e qualidade destas práticas artísticas remetem para a forma como a participação das comunidades se desenvolve, as dinâmicas dos processos criativos acontecem e se identificam e trabalham os temas que servem de ponto de partida para os processos de criação. Para além disso, são ainda determinantes o tipo de espaços de criação e apresentação e como são ocupados e a forma como se constrói a relação entre artistas profissionais e não profissionais (Cruz, 2021).[1]

A opção de Esposende pelo aprofundamento destas práticas é invulgar porque assume o risco da experimentação como necessário à criação de outras visões/ abordagens possíveis face à complexidade social que se vive nos últimos anos. Para isso, tem contribuído a possibilidade de neste território se ter potenciado o cruzamento entre agentes de áreas distintas, começando pela articulação entre os pelouros cultural, da educação e social, infelizmente uma realidade ainda, com necessidade de evolução no nosso país. O projeto AMAReMAR surge ancorado, desde o primeiro momento, num tripé de visões distintas, mas complementares, de políticas públicas locais e atores diversos. Este cruzamento refere-se, também, a encontros improváveis entre uma diversidade significativa de artistas não profissionais, de territórios (como é caso mais recente de Apúlia), parceiros, linguagens artísticas e ações desenvolvidas. Tal tem também acontecido com o envolvimento de artistas oriundos de distintas abordagens artísticas e com percursos, também eles, variados. Provavelmente, é a capacidade que tem existido de valorização da diversidade, do dissenso, da participação, que tem permitido a evolução deste trabalho deixando a lógica de projeto inicial e passando a integrar o plano de atividades do Município como uma medida de política intersectorial, designada atualmente de Programa Municipal de Arte Comunitária.

[1] Cruz, H. (2021). *Práticas artísticas, participação e política*. Lisboa: Edições Colibri.

“Onde cada cidadão mostra aquilo que sente numa simples canção ou numa simples dança ou num simples poema.”
José Marques

Não se pense, no entanto, que este caminho não tem sido trilhado sem dificuldades. Os riscos de mitos recorrentes associados a estas práticas, importa serem referidos e desconstruídos. Desde logo, a ideia muito enraizada de que a criação artística comunitária resolve problemas sociais aproximando este trabalho, muito mais, da lógica de um projeto social e/ou educativo do que artístico. É essencial considerar o impacto social destas práticas, mas tal é relevante que aconteça reconhecendo, ao mesmo tempo, o impacto cultural e artístico das mesmas. Ou seja, é pela especificidade dos múltiplos modos de criação artística que se podem ativar também a dimensão social desta. As abordagens centradas na resolução de determinados problemas de grupos de população, insistentemente excluídas, afasta os quotidianos destas práticas da centralidade que a participação deve ter nestes processos, abrindo espaços-tempos que rejeitem “rótulos” e se centrem na potência de cada um individual e coletivamente. Reconhecendo e tendo como prioridade o combate às desigualdades sociais e o que estas implicam na vida de algumas pessoas, o espaço-tempo da arte deve permitir desmontar perceções viciadas sobre pessoas e processos “romantizados” de resolução de problemas

sociais. No entanto, para que as pessoas sintam a sua participação como eficaz, não é suficiente que estes processos operem em estruturas pré-definidas em que as envolvidas não são tidas em conta, remetendo-as para uma participação com contornos de ilusão e/ou manipulação.
A ideia da qualidade da participação cultural e artística[2] é, assim, fundamental para pensar a ação desenvolvida nesta área. Sendo que não é suficiente a "participação pela participação" para gerar efeitos positivos. É essencial atentar na construção de elementos como: sentido de eficácia; conexão e influência mútua entre aspetos criativos e organizativos destas práticas; existência de continuidade deste tipo de ações; visão predominantemente processual, sendo que o resultado final é encarado como mais um momento dos processos; presença da pluralidade e reflexão; tomada de decisão partilhada; ligação ao território; ativação de questões significativas e concretas relacionadas com os quotidianos nas criações; interação social assente em aspetos emocionais para além dos racionais; equilíbrio entre ação e reflexão; desafio ótimo das práticas desenvolvidas; recurso a metodologias artísticas que associam as dimensões artística, educativa e comunitária; atenção

"(...) encontram-se pessoas de diferentes idades, diferentes maneiras de viver, pensar, expressar (...)"
Sameiro Fraguinha

[2] Mais informação sobre este conceito acessível em www.artandparticipation.com

a questões instrumentais (e.g., horários e espaços adequados) e de relação com espaços de criação e apresentação (Cruz, 2021). Quando falamos de qualidade de participação cultural e artística falamos de operações e dispositivos que ativam o reforço de condições para que as ações participativas estejam mais conectadas com os princípios do pensamento crítico e da cidadania. Suportada nos princípios democráticos, remete para a criação de um espaço com idiossincrasias que perspetiva o desenvolvimento estético como essencial ao desenvolvimento humano integrado.
O trabalho construído em Esposende tem sabido interpretar a complexidade das realidades sociais, dialogar equilibrando ética e estética, e valorizar a integração entre ação e reflexão, como é disso exemplo este livro. Apesar do caminho feito, há desafios que se mantêm e há outros que se assumem hoje como prioridades e/ou como urgências, ainda, em definição. É perante esses desafios instigantes, como a crise ambiental e as fragilidades da participação, que o legado deste Programa Municipal de Arte Comunitária pode funcionar como uma rede de suporte para aprofundar a experimentação artística enquanto contributo para a reinvenção da própria criação, mas, também, de participação cívica e política.
Resta-me apenas, agradecer e reconhecer, todas/os as/os protagonistas deste movimento construído a vários corpos, cabeças e corações. Tem sido um privilégio, de diferentes formas, estar por perto e fazer parte.
Por tudo isto, pelo que já foi feito e o que está a ser feito no presente e aponta para outros futuros, Esposende é um bom exemplo neste domínio, no país, da relevância que deve ser dada à experimentação, à coragem de correr riscos para, assim, se fazerem outros caminhos e criarem outras políticas públicas, neste caso locais.

Coordenadores do projeto AMAReMAR
Município de Esposende
Marina Costa e Diogo Zão

ANCORAR O FUTURO ATRAVÉS DO PRESENTE

E DE UM PRESENTE CONSTRUÍDO DE UM PASSADO, DE MEMÓRIAS, DE SIGNIFICADOS, DE AFETOS, DE IDENTIDADE!

AMAReMAR assume múltiplos significados… Remete-nos para domínios centrais e indissociáveis deste projeto. Por um lado, para a ligação da comunidade ao mar, às vidas de tantos homens e mulheres do mar, suas histórias, afetos e sentimentos associados a este oceano imenso que nos banha e que é e foi "ganha pão" de muitas gerações de esposendenses, mas que também cobriu de luto, quantas vezes, a comunidade. Por outro – e talvez a dimensão mais importante e aglutinadora – remete-nos para o ato de amor que lhe é subjacente. Amor pelo próximo, pela comunidade, por cada pessoa! Estamos perante um projeto que quer fazer bem e o bem, onde todos – profissionais, mediadores, comunidade, público em geral – procuram, em simbiótica partilha, encontrar novos significados, novas formas de ser e estar, novas formas de criar e construir, novas formas de interagir, novas formas de comungar o espaço que habitamos: Esposende!
O AMAReMAR, projeto municipal de arte comunitária, foi implementado em 2015, fruto da necessidade de se criarem respostas que, por um lado, promovessem a ocupação qualificada dos tempos livres das populações residentes na zona sul da cidade de Esposende, onde se situam os bairros sociais e, por outro lado, que potenciasse redes informais de apoio e a promoção da integração, do crescimento e da valorização das pessoas participantes, sobretudo daquelas/es que, apresentando percursos de vida mais difíceis, encontrassem nas atividades a desenvolver a motivação e a autoconfiança suficientes para continuar e, sobretudo, para transformar esses percursos de vida e a sua presente situação, em oportunidades de crescimento pessoal e de inclusão/integração social. Assente numa lógica de inclusão e de coesão social, o projeto é e

sempre foi, por definição, aberto ao público em geral, a todas as idades e de acesso gratuito, pretendendo, contudo, responder às necessidades particulares de um público específico, em situação de maior vulnerabilidade social.
Um dos objetivos essenciais do projeto é fomentar e potenciar o contacto continuado das pessoas com as práticas artísticas, o incremento de processos criativos, a descoberta de outras áreas de interesse, quer nos participantes, quer no público. Como uma âncora, espera-se assim que estes dispositivos ajudem a capacitar as pessoas no sentido de se tornarem mais seguras de si mesmas e em relação ao outro, aos lugares e aos diversos contextos das suas vidas, procurando uma maior estabilidade, uma comunicação interpessoal positiva e assertiva, e possam, transformados, valorizados e com mais confiança, içar as velas e orientar o leme das suas vidas, nesta navegação conjunta, comunitária. Trabalhar a interseção entre a inclusão social e as práticas artísticas, tornou-se assim, para nós, numa premissa, dando enfoque às áreas da cidadania, da educação e da cultura na formação integral do indivíduo e do coletivo.
Sendo a participação um dos princípios basilares deste tipo de projetos, a nossa primeira ação foi o contacto com as pessoas, percebendo, desta forma, o que poderia e como poderiam funcionar estas dinâmicas na sua comunidade. Assim, e numa primeira fase do projeto, em 2015, promoveu-se uma formação, desenvolvida por Hugo Cruz, especialista na área da Arte e Comunidade, dirigida a pessoas que procuramos desde logo envolver diretamente no projeto, nomeadamente, profissionais do Município, mediadores da comunidade e formadoras/es das várias oficinas artísticas potencialmente a criar. Este processo permitiu-nos o contacto com uma diversidade de projetos artísticos em diferentes contextos – como bairros, escolas, prisões, entre outros – e países, assim como uma melhor perceção do conceito de Arte Comunitária, de coconstrução, de criação coletiva de um projeto simultaneamente artístico e comunitário. Analisamos as diferentes formas de divulgação do projeto, no sentido de o mesmo chegar diretamente às pessoas e lhes dizer algo, e fomos delineando as oficinas artísticas que poderiam ter uma maior adesão.

Trabalhar a interseção entre a inclusão social e as práticas artísticas, tornou-se assim, para nós, numa premissa, dando enfoque às áreas da cidadania, da educação e da cultura na formação integral do indivíduo e do coletivo.

Qual pescador, que ao ver o horizonte pintado de cinzento carregado augura uma jornada de infortúnio no mar, recordamo-nos de, logo no primeiro dia "público" do projeto, o da inauguração da sede do AMAReMAR, a 7 de maio de 2016, a dúvida, a incerteza e a frustração ter enublado os nossos sentimentos, pela necessidade de cancelarmos uma performance no ringue do Bairro da Central, que prometia ser um primeiro contacto de grande envolvimento da comunidade. O S. Pedro, por quem a comunidade tem uma devoção especial, não parecia remar para o mesmo lado, e brindou este arranque com uma valente intempérie. Mas nesse mesmo dia tivemos a primeira prova de que a persistência, a positividade, e o envolvimento comunitário estavam lá! A performance foi, num ápice, redesenhada para a sede do AMAReMAR, que se tornou minúscula para acolher todos os presentes.
Passados sete anos desta aventura com e para a comunidade, e fazendo uma retrospetiva, efetivamente foram muitas as pessoas e coletividades que se envolveram no projeto, de formas muito distintas, ora na concretização de uma manifestação artística, ora através da partilha de histórias, conhecimentos e memórias, ora na cedência de bens alusivos às temáticas a serem trabalhadas, entre outras modalidades. Foram momentos sobretudo de "presença", mas onde o *on-line* também ajudou a cimentar pontes e a melhor passarmos pelo período de pandemia que assolou todo o mundo. E dentro desta diversidade de pessoas, destacamos uma das caraterísticas mais interessantes deste projeto: o de colocar em diálogo pessoas com faixas etárias tão distintas, desde a

infância à terceira idade, e públicos tão diferenciados. Todas/os têm voz, neste espaço democrático, e durante todo o processo de cocriação artística, aspetos trabalhados, nomeadamente em contexto de oficina – diálogo, comunicação, interação social e negociação, para o alcance de objetivos comuns. Outro aspeto diferenciador e que vivenciamos no projeto é o processo de passagem das pessoas de meras espetadoras, numa primeira fase, ainda a tentarem perceber a essência do projeto, a atores/protagonistas/co-criadores artísticos, numa fase seguinte. Sentimos que este processo foi, efetivamente, potenciando a transformação das pessoas e do próprio grupo.

Acreditamos que cada manifestação artística promovida pela comunidade AMAReMAR é uma obra de arte, por si mesma, na medida em que as dimensões do lugar, da identidade, das memórias pessoais e coletivas, das suas linguagens, leituras e reinterpretações sobre a vida, acontecimentos atuais e futuros, estão presentes e são tão singulares.

O espaço público na cidade também ganhou outra dimensão e valorização, desde que a comunidade AMAReMAR passou a contemplar a rua como um espaço democratizador das práticas artísticas e do consumo cultural. Em vários momentos, as/os munícipes, visitantes, peregrinas/os, puderam disfrutar de criações coletivas de teatro, música, ilustração, fotografia, costura criativa. Foram várias as manifestações artísticas que o projeto AMAReMAR apresentou durante estes 7 anos, desde peças de teatro, concertos, exposições de fotografia, conceção e pintura de murais – onde por quem por eles passou também pôde colaborar -, decoração de ruas em épocas festivas e na comemoração de diferentes efemérides, entre outras. E tivemos o privilégio de levar estas experiências a outros palcos. Destacamos a experiência da apresentação da peça de teatro “Quando o Mar é Mais” no Teatro Carlos Alberto, no Porto, inserida na programação da edição 2017 do MEXE, por ter sido a primeira experiência “fora de portas”. De repente, aquelas pessoas – a maioria das quais nunca havia pisado um palco – estavam ali, perante uma casa cheia e atenta, num espaço de referência cultural da região norte e do país, a apresentar com toda a dignidade o belíssimo trabalho coletivo que conceberam e prepararam e a partilhar com o grande público muita da identidade da sua comunidade. Foi um dos momentos onde, sem dúvida, o sentimento de “missão cumprida” (mas nunca acabada), foi sendo alimentado. Tivemos ainda o privilégio de representar e apresentar o projeto em seminários, tertúlia e outros fóruns de reflexão, inclusive em contextos académicos de referência, onde sentimos a comunidade connosco.

Em jeito de súmula, e partindo dos seus próprios testemunhos, podemos dizer que sentimos o notório impacto que o AMAReMAR teve na vida pessoal e profissional de muitos quantos ativamente passaram pelo projeto, tornando-se pessoas mais conscientes dos acontecimentos nacionais e internacionais, com maior abertura e curiosidade sobre diversos temas e sobre os produtos culturais, na procura de alternativas de resolução de conflitos nos seus diferentes contextos de vida, não esquecendo os impactos positivos causados na sua auto-imagem, auto-estima, derrubando barreiras na sua interação social. Temos igualmente consciência de que muito há a fazer. Que foram também várias as pessoas que porventura poderiam ter beneficiado do projeto e não fomos capazes de aproximar. Mas temos a convicção que este é um caminho que deve continuar a ser perseguido, que este é um lugar âncora, no presente, que une a comunidade, que respeita e projeta os seus valores, a sua identidade, que dá voz às pessoas, às suas necessidades, àquilo que as possa fazer mais felizes, pessoalmente e na sua convivência social, no seu bairro, na sua cidade, mas também no seu país, como cidadãs/ãos do mundo. E sempre numa lógica de promover, o mais possível, a sua autonomia, sentido de participação e de iniciativa. Acreditamos que estes pequenos contributos podem, efetivamente, ajudar a transformar a sociedade num espaço de comunhão mais justo, consciente, e, porque não, mais culto.

Terminamos, partilhando que tem sido um autêntico privilégio, no nosso percurso pessoal e profissional, privar e trabalhar com todas as pessoas da comunidade e profissionais do projeto. Temos aprendido imenso, a vários níveis, com todos/as. Agradecemos imenso o “farol” inspirador e guia que tem sido para nós Hugo Cruz, com todo o seu conhecimento, experiência, solidariedade e dinamismo. Agradecemos e enaltecemos ainda, de uma forma especial e muito reconhecida, o apoio que sempre sentimos dos responsáveis do executivo municipal. A sua visão e sentido de responsabilidade foram e são, a cada dia, absolutamente decisivos para a prossecução e o sucesso do projeto.

Docente do Instituto de Ciências Sociais
da Universidade do Minho
Investigadora do CICS.NOVA.UMinho
Teresa Mora

QUANDO O MAR É MAIS: UM TESTEMUNHO INDIRETO

Numa entrevista concedida, em dezembro de 2013, ao programa *Fronteiras do Pensamento*, Edgar Morin, sociólogo e filósofo francês, reflete sobre a vida, polarizando-a entre a prosa –, o que fazemos para sobreviver – e a poesia –, o que nos faz florescer.
Ter conhecido o Projeto AMAReMAR, sendo socióloga de formação, docente e investigadora, foi para mim mais uma oportunidade de me confrontar de perto com a poesia da arte social relativamente à prosa das ciências sociais. É esse testemunho que aqui procuro passar à escrita, ainda que a relação com o projeto tenha sido sempre indireta, mesmo ao ver a peça *Quando o Mar é Mais*, levada à cena em 3 de junho de 2017, na Marina Sul de Esposende.
Foi enquanto orientadora de Ana O. [1], no contexto do mestrado em sociologia da universidade do Minho, no ano letivo de 2016-2017, que tomei conhecimento do AMAReMAR. Dava-se entre nós um encontro feliz. Eu tinha adquirido, em Lisboa, o livro *Arte e Comunidade* (2015), organizado pelo Hugo Cruz[2] , e ao abri-lo, estendia-se diante de mim uma paisagem ampla e variada de arte e comunidade: de Portugal, mas também da Europa do Norte, ou da América do Sul (do teatro do Oprimido de Boal, espalhado pelo mundo, à dança na comunidade, ao teatro de vizinhos, ...). A Ana, por sua vez, encontrara em Esposende, um caso de arte e comunidade, e dizia-me ter vontade de o estudar. A pergunta que motivou o estudo foi, então, esta: como pode a arte social mexer na maneira de ser das pessoas que nela participam?

[1] Utilizo a expressão Ana O. sempre que me refiro formalmente a Ana Filipa Oliveira, a quem agradeço ter-me proporcionado a possibilidade de a orientar na investigação que fez sobre o Projeto AMAReMAR.
[2] Cruz, Hugo (coord.) (2015). *Arte e Comunidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Por inúmeras contingências, de entre as quais o tempo com a sua imparável passagem e o modo prático de ser de Ana O., o trabalho final viria a ter pouco de prosa abstracta e muito de “meter as mãos na massa”. Para dar resposta à pergunta que colocara, a Ana procurou recolher informação sobre o AMAReMAR, participando semanalmente nas oficinas de teatro. Fê-lo durante cerca de nove meses (de novembro de 2016 a junho de 2017), através daquilo que na gíria da ciência se designa por observação-participante. Explicando um pouco: a observadora, ao invés de observar a oficina de fora, como se estivesse do lado de lá de uma janela, a olhar à distância para o que se passa do lado de cá, entra e fica e (como qualquer outro participante) passa a fazer parte das sessões da oficina de teatro. Há, porém uma diferença: ao ser participante, tem, ao mesmo tempo, de observar o que está a ser feito e de procurar compreender como está a ser feito. Ora, como em ciência não é fácil conciliar a ação de registar o que se vai vendo com a ação de estar envolvido com o que se faz, o estudo de Ana O. acabaria por centrar-se, também, no caderno de planeamento e notas das atividades da oficina, o qual lhe foi gentilmente cedido pela Susana Madeira.
A resposta (uma resposta) à pergunta “como pôde o AMAReMAR mexer na maneira de ser das pessoas que nele participaram?” pode ser encontrada (em modo científico) num texto a duas mãos, feito a partir do estudo realizado por Ana O., do qual apenas dou conta em nota de pé de página[3] , já que aqui é outra a intenção. Trata-se tão só de trazer à escrita uma paisagem abreviada de como vivi e ressenti o AMAReMAR.

Começo por uma mensagem de telemóvel, datada de dezembro de 2017, enviada a uma sobrinha, por ocasião da defesa de provas de mestrado da Ana O.:

“Vou ter um dia complexo por aqui pela universidade. Corro para chegar a horas, a uma cena anarca... Procuro fazer contracultura pelas bases. Para tal, tenho que me despachar. Hoje, contra o habitual, irei reunir no mesmo lugar, na sala de atos do Instituto de Ciências Sociais, pessoal do Projeto AMAReMAR e estudantes do 3º ano de sociologia ... Como sabes, adoro o mar e tudo o que tem a ver...Tenho mesmo de ir, se não lixo tudo!”

[3] Mora, Teresa, Oliveira, Ana Filipa (2018). *Arte e Comunidade em Esposende*, Revista Configurações, 22: 50-69.

Recuo um pouco: uns dias antes dessa sessão solene, a Ana e eu havíamos decidido ir bater à porta de cada uma das cerca de 24 pessoas que participaram no Projeto AMAReMAR, pois queríamos entregar-lhes em mão o convite para assistirem às provas do seu mestrado. Ainda guardo na memória (do computador também) as imagens que tirei, estando do lado de cá, na mesa do júri. É que acabei (sem querer) por dar comigo a fotografar as pessoas, nos seus olhos atentos (e protetores também), movimentando-se qual jogo de *ping-pong* ao ritmo das perguntas (por vezes, difíceis) que iam sendo colocadas à Ana e às quais a Ana (sempre com entusiasmo) ia dando resposta. Soube-me muito bem ter-lhes dito (num linguajar florescido...) o quanto pode haver de utopia na quebra das rotinas..., de como o teatro pode abrir espaço à exploração dos possíveis (de cada um, dos vários nós, dos modos de viver, dos mundos de cada qual, do estado do mundo). Até hoje não me esqueço do final da sessão, do quanto me foi importante dar um abraço, ali, fazer um pouco de conversa, acolá. Lembro-me particularmente bem de uma conversa sobre godos, marés e areais..., um dia (como, então, pensei e volto a pensar) talvez venha a convidar o interlocutor para dar uma aula, aqui, na universidade: uma aula sobre o MAR.
Avanço no tempo: em outubro de 2018, vim a inscrever-me numa oficina de teatro, em Braga, a qual receberia o nome de Depósito de Cenas. Foi a minha primeira experiência de teatro. Aí, de um modo muito por dentro, senti o valor diferencial da arte. Já o havia pré-sentido, ao ler entusiasmada o caderno de planeamento e notas das atividades da oficina cedido pela Susana Madeira.
Penso, uma vez mais, que o valor da arte relativamente à sociologia (e de modo mais geral, as ciências sociais) está na corporeidade e no sensível como fundamento do próprio processo criativo. À sociologia falta-lhe dar corpo às palavras para que estas façam, enfim, sentido para aqueles a que se destinam, nomeadamente quando se trata de ensinar e, também, de levar para lá das portas da universidade o conhecimento aí atuante.Foi por passar a querer Mais poesia na cultura diária da universidade que neste setembro de 2019, por ocasião do início de mais um ano letivo com os estudantes de sociologia, dei comigo a trazer para dentro da sala de aula um pouco daquilo que aprendi na oficina de teatro. E sei que devo parte desta vontade ao AMAReMAR.[4]

[4] Para aceder a uma visão mais aprofundada consultar o artigo “Arte e comunidade em Esposende: uma abordagem de proximidade” de Teresa Mora e Ana Filipa Oliveira: https://journals.openedition.org/configuracoes/6335

AS VOZES DE QUEM FAZ O AMAReMAR

Testemunhos de participantes das oficinas AMAReMAR

ÁGATA MACHADO

"Tudo que é feito com sentimento, com amor: é arte."

ALEXANDRA FLORES

"A grande mais valia deste projeto é a partilha entre gerações, entre classes sociais, entre pessoas de várias profissões. Aqui somos todos iguais, vimos para o mesmo (…). Rimos e partilhamos coisas, saímos daqui leves. O dia acaba melhor. Podemos dar asas à nossa imaginação. Este é o lado bonito da vida. E acho que a arte é isso para mim, o lado bonito."

ALEXANDRA TRINDADE

"Comecei a minha jornada no projeto AMAReMAR desde a génese do projeto, através da minha mãe, que foi Mediadora do mesmo. Tinha apenas 15 anos. Através do seu incentivo, percebi de imediato que era um projeto com o qual eu me identificava plenamente, pois, tratava-se de um projeto de partilha, entrega, história, contacto intergeracional e de autoconhecimento, através de várias práticas artísticas. Aprendi e cresci muito, sempre num espírito comunitário e de valorização da minha Terra. (...) sendo a Arte um ramo que eu estou a estudar, e que pretendo que seja o meu futuro, jamais seria capaz de encarar "Arte Comunitária" como uma forma de me promover oportunisticamente. Para mim, Arte é tudo aquilo que me enriquece como pessoa e que me ajuda a transformar o mundo num lugar melhor para todos."

ANABELA AFONSO
“Para mim arte é um modo de inovar a nossa criatividade”
ANDRÉ MARAFONA
“AMAReMAR é poder amar o outro. A arte consegue ir para além dos limites.”
ANTÓNIO FERREIRA
“É uma oportunidade de fazer coisas novas que não imaginava fazer! (…) A arte é aprendizagem!”
CRISTINA MAIA
“Por exemplo na parte da costura viemos dar vida, principalmente à Rua Direita e no teatro às peças que apresentamos, chamamos mais pessoas também a Esposende. (…) Eu penso que a arte é criar, é fazer a criação de algo”
CRISTINA VASQUINHO
“No Inverno estamos às moscas… se não for estes projetos não há nada”

EVA ABREU
“Aprendizagem e aperfeiçoamento”
HUGO FERNANDES
“Arte para mim é uma forma de criar e expressar as ideias e os ideais do mundo.”
ISABEL TRINDADE
“O “Eu” e o “Coletivo” devem cruzar-se de forma sinergética, quer em experiências e memórias, quer em vivências, sempre numa perspetiva de valorização e crescimento pessoal, alimentando e exaltando simultaneamente o sentimento de pertença que nos une à nossa terra e à nossa comunidade (…) Arte comunitária é o palco da vida, da nossa história e das nossas raízes, transportando-nos para a cimentação, valorização e reinterpretação da Identidade Humana, Cultural e Social. (...) Um dos valores mais nobres e intrínsecos à Arte Comunitária é a “Superação”. “O AMAReMAR tem de ser um projeto de e para pessoas e não um projeto de número. Não é, de todo, um palco de “talentos” e muito menos uma plataforma para alimentar “egos”, oportunismos e individualismos.

JOÃO LOUREIRO
“AMAReMAR é um projeto para enriquecer a cultura, demostrar a Arte aos nossos esposendenses! (…) Aqui fazemos novos amigos, uma nova família, partilhamos ideias e momentos de convívio com pessoas de feitios diferentes! (...) Arte é poder transmitir sentimentos de formas diferentes (…) interpretar o que os nossos olhos veem!”
JOSÉ MARQUES
Onde cada cidadão mostra aquilo que sente, numa simples canção, numa simples dança, ou num simples poema (…) Quando estamos em cima de um palco, vestimos a personagem e também podemos desabafar os nossos sentimentos e partilhar a mensagem com a comunidade que vê os nossos espetáculos”

DANIELA EIRAS
“AMAReMAR é um projeto comunitário para todas as idades, onde tem como objetivo unir a comunidade e pô-la ativa. (…) descobrimos coisas em nós que não sabíamos que tínhamos. (…) Acho que por vezes a mensagem não ser bem transmitida.”
ELISABETE FERREIRA
“O que complica é a disponibilidade por causa dos horários e a exigência de participar em todos os ensaios.”

JOSÉ MIQUELINO
“AMAReMAR é um projeto que se desenvolve no contexto da integração, comunicação e desenvolvimento social da comunidade.”

LÚCIA RIBEIRO

"AMAReMAR para mim é um espaço de crescimento, mas acima de tudo uma oportunidade de contribuir para o bem-estar do outro, de criar a ligação entre a comunidade que nos une ao mar e à vida que este nos proporciona. É assim uma descoberta dos seus modos, da sua cultura, da sua auto-redescoberta. (...) O projeto proporciona a interação geracional, o sentido de pertença/identidade, a vontade de querer contribuir para o bem global, a integração da arte e da cultura nos comportamentos quotidianos, o desenvolvimento de competências relacionais e valores humanos."

"Arte para mim é uma paixão, uma expressão do meu ser mais íntimo, um processo de criação, recriação, de exposição da perceção que temos do mundo. É um modo de ser. A nossa visão num determinado espaço e tempo."

LURDES MIQUELINO

"Destaco como aspeto positivo do projeto a forma de desenvolver o Eu no contexto de comunidade. Creio que os novos membros que entram para o projeto devem ser esclarecidos sobre o mesmo para terem noção da sua essência e natureza."

MAFALDA COUTADA

"Tive a oportunidade de conviver, de aprender e até ensinar pessoas mais velhas do que eu. Como os encontros eram à noite para mim era complicado gerir os estudos. (...) A arte para mim é o fruto da minha imaginação"

MARGARIDA MARQUES

"Eu acho que o AMAReMAR tem sido um desvendar de muitas capacidades que estavam escondidas e muita gente não tinha à vontade. Lá está: a oportunidade! (...) Foi uma lufada de ar fresco para o bairro. Ainda há falta de compreensão de muitas pessoas acerca destes projetos sociais."

MARINA SANTOS

"O grupo é aberto a toda a gente que queira entrar, sempre pronto a receber pessoas novas de braços abertos. (…) Não viveria nunca sem arte porque a arte é algo em que nos podemos refugiar. E a arte tem o poder de nos acalmar"

NAZARÉ MENDANHA
"O AMAReMAR é uma coisa que gosto e admiro muito porque alívio a minha cabeça. Gosto de tudo, é tudo bom, a única coisa menos boa são os horários dos ensaios, porque para a minha idade é complicado."

ORLANDO GRAÇA
"A arte para mim é uma mistura de sentimentos e ideias em que todos nós pensamos e colaboramos para que algo seja apresentado a alguém."

RAFAELA FERNANDES
"Acho que este projeto traz bastantes aspetos positivos, como a interajuda, a união, o espírito de grupo, a possibilidade de dar a conhecer vários tipos de atividades e artes que de outra forma provavelmente não iriam ser aprendidos e vividos. (…) Existem alguns conflitos de opiniões e de maneiras de estar entre pessoas que podem levar a algum mau estar entre elas".

RITA RIBEIRO
"Saímos daqui um bocadinho mais leves."

SAMEIRO FRAGUINHA
"AMAReMAR é um projeto comunitário no qual se encontram pessoas de diferentes idades, diferentes maneiras de viver, pensar, expressar, criando-se laços de verdadeira amizade. É aqui que partilhamos vivências e valores. (…) Aqui damo-nos a conhecer, libertamo-nos do dia-a-dia, carregamos energias positivas, ganhamos sabedoria, paciência, amizades, alegrias e disponibilidade. (...) Arte é o poder de libertar o corpo e a mente em nosso benefício, mas também do outro. É alimento da autoestima, sentir que somos capazes."

SÓNIA CRUZ
"Como o próprio nome indica é Amar a gente do Mar. Somos uma comunidade piscatória e este projeto pretende unir a comunidade para, através da arte e das oficinas, relembrar sempre os nossos antepassados. (...) Reunir a comunidade, aprendizagem de diferentes skills, pensar e expressar sobre diferentes matérias são os pontos que considero positivos."

TERESA NIBRA
"O AMAReMAR trouxe um maior alento à população esposendense, mostrando toda a sua criatividade e originalidade alusivos a vários temas. (...) Na minha ótica, arte é dar asas à imaginação desenvolvendo as suas próprias emoções."

TOMÁS MORGADO
"Arte é uma forma de representar os sentimentos"

VÍTOR DE BARROS
"O AMAReMAR faz destes milagres, que nos enriquecem como pessoas e como elementos ativos pertencentes a uma comunidade, e que de forma orgulhosa e altruísta, e também graças a pessoas que ainda estão no projeto de coração aberto e de forma pura e "descomprometida", nos encorajam a ultrapassar barreiras. A verdadeira recompensa é o crescimento pessoal e coletivo bem como todos os momentos de felicidade que marcaram a nossa vida e a dos nossos companheiros de viagem."

fado do desabafo

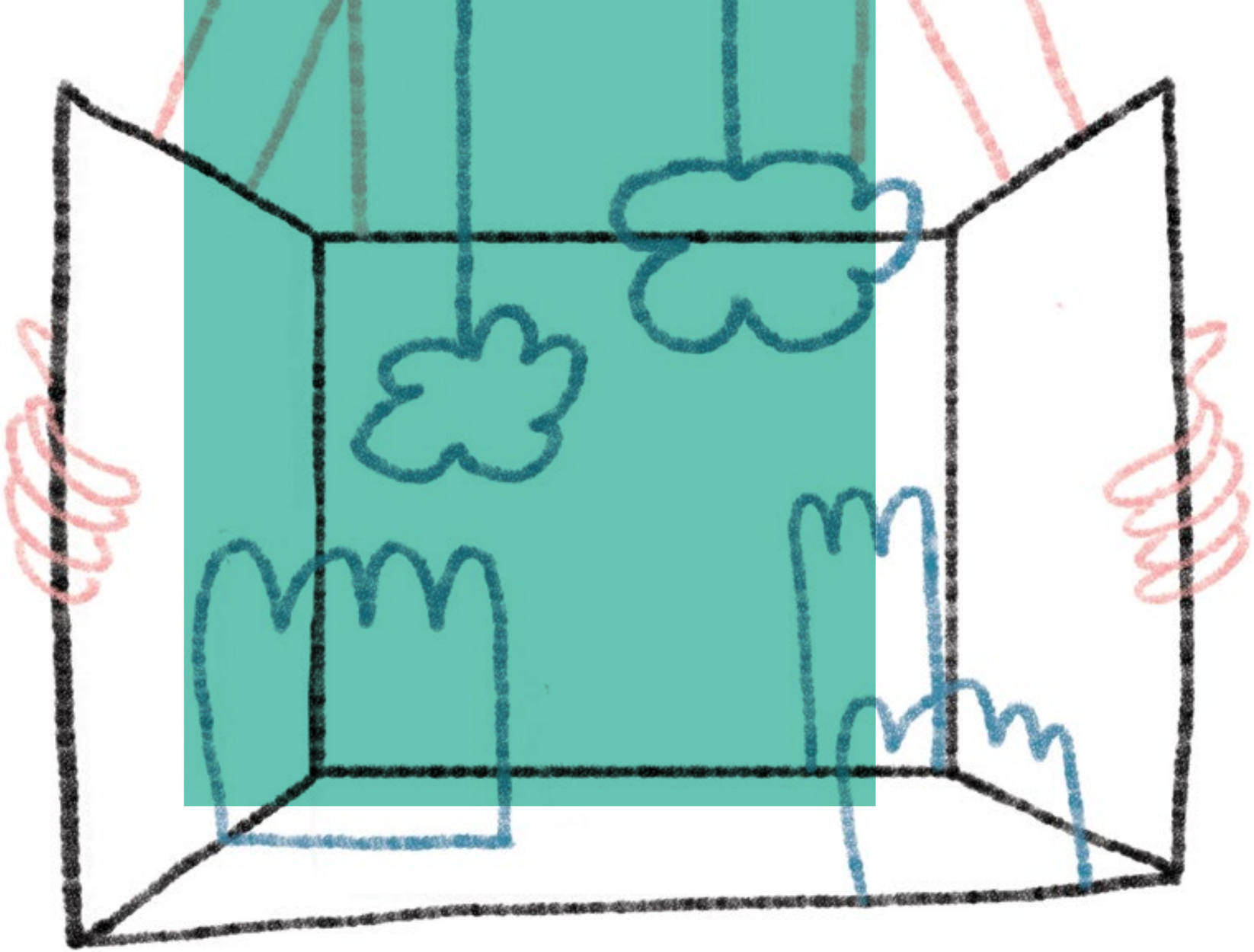
Com grande satisfação
Fomos a uma reunião
Para algo se fazer
Este projecto de tentativa
A todos convidou
Tudo pode acontecer
Mas que grande confusão
Ao falarem dos horários
Agendas a enlouquecer
Uns dizem sim outros não
Lá nasce a união
O cenário está a crescer
Figurinistas cançonetistas
Músicos e actores
As bailarinas as entrevistas
E o rufar dos tambores
A criançada bem dedicada
Brilho encanto e bastidores
Que se abram então cortinas
Que se liguem projectores
Tentativa de revista
Vamos tentar fazer
Mesmo à nossa maneira

Esta cidade vai ver
A rua e o palco pesquisámos
Calor e frio aguentámos
Do mar tinhamos que falar
As pedras do cais calçámos
Nas vestes entrelaçámos
As histórias do nosso contar
Para decorar texto suámos
Ensaiámos ensaiámos
E de Esposende se falou
Pessoas lembrámos
Quase que até chorámos
Até a luz baixou

Elizabete Ferreira, 2019

ARTISTAS - FORMADORES

CENOGRAFIA
COSTURA CRIATIVA
ILUSTRAÇÃO
MULTIMÉDIA
MÚSICA
RITMO E PERCUSSÃO
TEATRO



CENO GRA FIA

CE.NO.GRA.FI.A

1. arte de conceber e/ou executar os cenários de um espetáculo (sobretudo, teatral)
2. conjunto dos elementos materiais que constituem um cenário ou que se apresentam dispostos num palco

AVENTURA NA EXPLORAÇÃO DA ABRANGÊNCIA DA ILUSTRAÇÃO

JOANA DE ROSA

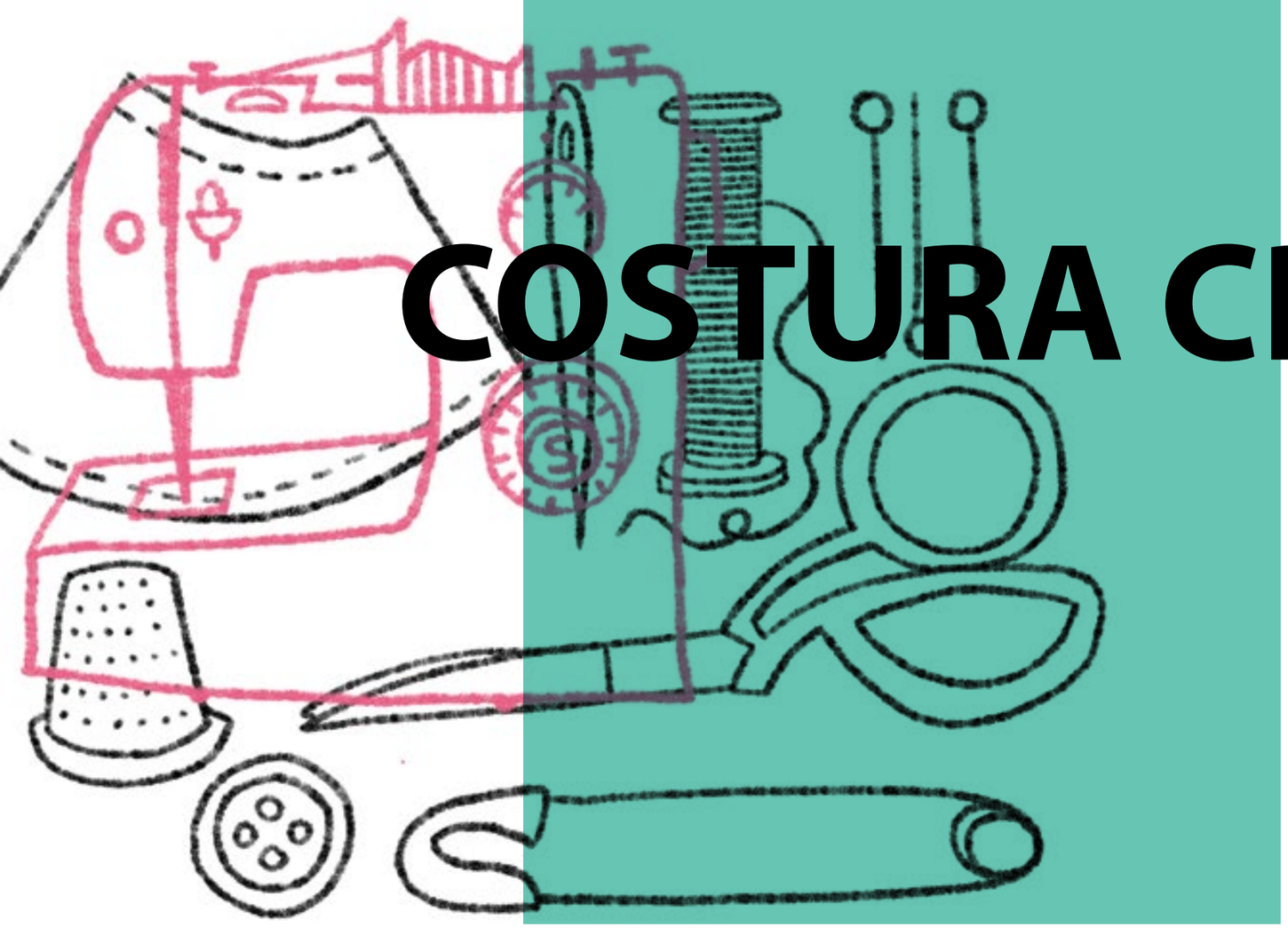
ARTISTA-FORMADORA DA OFICINA CENOGRAFIA

A Oficina de Cenografia surge de apoio à Oficina de Teatro com o objetivo de criar os adereços, figurinos e cenografia dos espetáculos desenvolvidos pela comunidade.
As peças de teatro são criadas de raiz e por este motivo a maior dificuldade desta oficina foi gerir a criação de uma grande variedade de elementos cénicos de diversas naturezas num período reduzido de tempo.
Com o aproximar das datas dos espetáculos, senti verdadeiramente o espírito de comunidade na sua plenitude, todos os participantes a desenrascarem material, a contribuírem com ideias, a trabalharem fora do horário planeado numa entrega total. A darem tudo de si, o que tinham e o que não tinham..!
Relativamente ao espetáculo “Quando o mar é mais”, acrescento que ter sido responsável pela codireção de cena foi uma boa surpresa. Não foi uma tarefa fácil e com a qual me identifique, nem para a qual tenho uma competência nata, mas por este mesmo motivo foi um desafio muito gratificante coordenar a entrada de atores com o respetivo adereço consoante a cena e controlar o inventário de adereços e figurinos.

Gostaria de destacar o contributo especial da Ana da Silva que ficou responsável pela orientação na produção dos figurinos e com a qual também aprendi bastante. O contributo online do meu irmão Pedro Sousa, emigrante, numa cena do espetáculo em que simulou uma chamada online com a família foi memorável e estou grata por ter aceite o convite para deixar um bocadinho de si neste projeto tão bonito. E a oportunidade de apresentar esta peça no MEXE – Encontro Internacional de Arte e Comunidade no palco do Teatro Carlos Alberto (Porto) que tornou esta experiência ainda mais megalómana.
Ser formadora da Oficina de Cenografia foi uma oportunidade maravilhosa para aplicar a ilustração num outro domínio e uma verdadeira aventura na exploração da abrangência da ilustração.
Foi a primeira vez que contactei profissionalmente com o processo Teatral, uma das artes mais completas e fascinantes, e que colaborei numa equipa multidisciplinar e com imensas pessoas envolvidas. Tudo isto foi um processo de aprendizagem marcante.

BARCO ESTALEIRO

NICHO / ALTAR



COSTURA CRIATIVA

COS.TU.RA

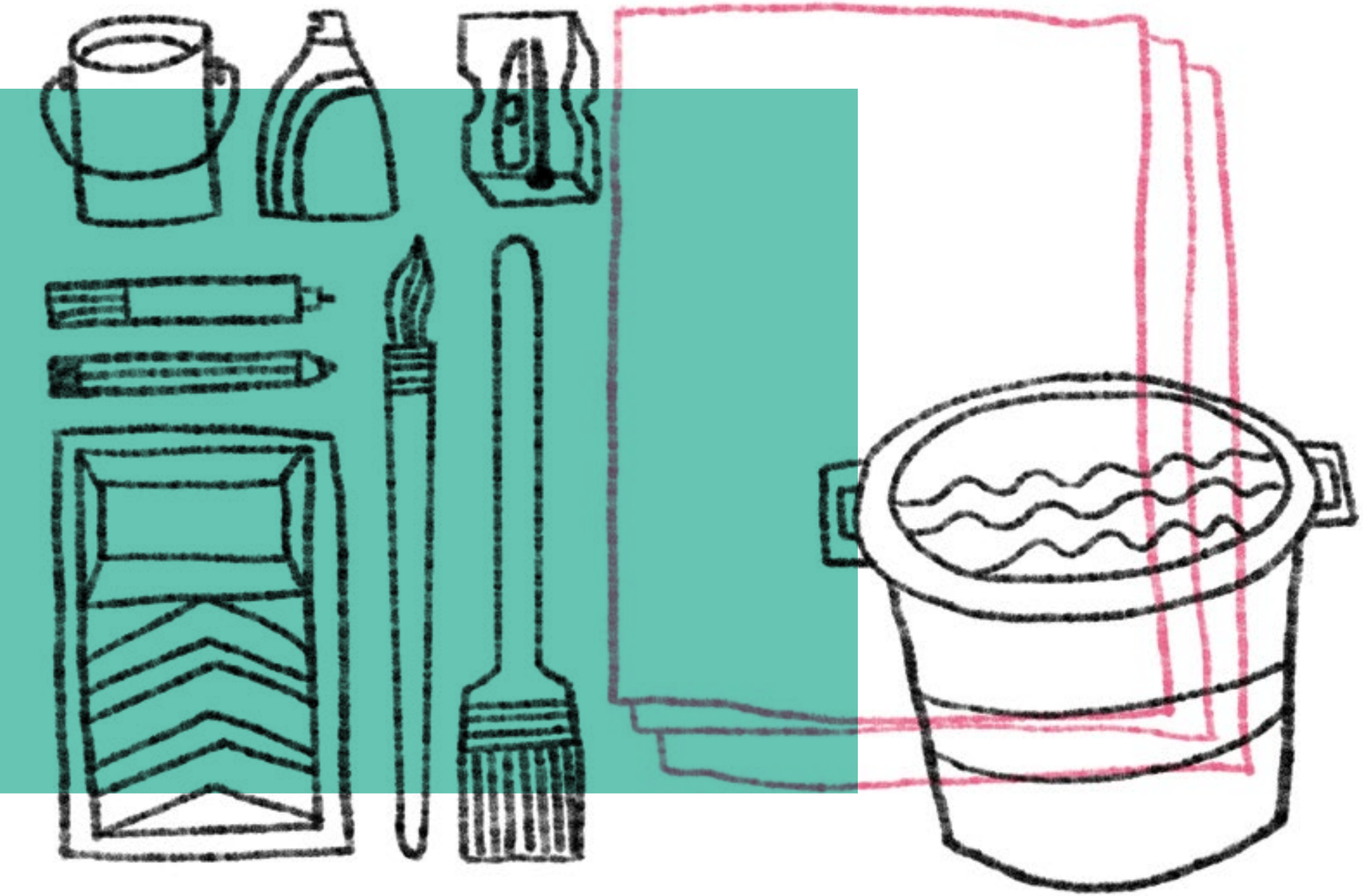
1. ato, modo ou efeito de coser, de unir por meio de pontos dados com agulha enfiada em linha
2. a linha que une as partes costuradas

SENTIMENTO PARTILHADO POR QUEM NOS VISITA

ANA DA SILVA

ARTISTA-FORMADORA DA OFICINA DE COSTURA CRIATIVA

De um projecto composto por Arte e Comunidade – AMAReMAR – só pode resultar momentos e elementos esplêndidos. A Comunidade local é o elemento que permite criar a Arte, que permite que este projecto assuma a dimensão de “Família”. Este é o sentir. Pertencer a um grupo onde se criam laços que desencadeiam trabalhos com amor.
O meu percurso neste projecto é particular. Comecei por elaborar e costurar os figurinos da Oficina de Teatro, em 2017. A intrusão com o grupo foi tão natural que surgiu o convite para a criação de uma Oficina de Costura.
A Oficina atravessou um período experimental, com a execução de pequenos trabalhos individuais, evoluindo para uma vertente de Arte/Performance de Rua.
Toda a arte tem um processo criativo que evolui conforme a destreza e capacidade de quem a cria. Podemos costurar de várias formas e feitios, mas o resultado alcançado espelha a veia criativa das pessoas no processo de elaboração, onde o pormenor e o detalhe fazem da peça criada, um elemento singular. A manifestação do cunho individual culmina, de forma sinérgica, no cunho colectivo que reflecte a identidade do projecto na actualidade. Assim, as criações artísticas construídas, exprimem o “Sentir e o Estar” das Gentes da nossa terra. A decoração urbana, enche de orgulho toda a Comunidade Esposendense, pela beleza realçada da cidade, sentimento partilhado por quem nos visita – turistas e peregrinos.
É extremamente gratificante fazer parte deste projecto ao partilhar afinidades e aprendizagens. O processo criativo manual é sem sombra de dúvida muito especial. Que a criatividade continue a unir a Comunidade e a brotar feitos artísticos de um valor imensurável para a nossa sociedade.



ILUS TRA ÇÃO

I.LUS.TRA.ÇÃO

1. arte ou técnica de criação e/ou seleção de imagens para complemento de texto
2. breve narrativa ou exemplo que ajuda a compreender ou a esclarecer algo

JOANA DE ROSA

ARTISTA-FORMADORA DA OFICINA CENOGRAFIA

INQUIETAÇÕES

Gerir a assiduidade dos participantes num projeto livre e gratuito em que esperamos um compromisso da parte deles, mas efetivamente não existe uma obrigação apenas a vontade e gosto na participação, foi sem dúvida um desafio ao longo de todo o processo. Sentia sempre alguma ansiedade na hora de iniciar uma sessão sem saber efetivamente com quantas pessoas poderia contar, se viria o número mínimo de pessoas para montar os andaimes e se essas já tinham idade suficiente para os utilizar. Ou naquelas sessões em que havia muita adesão o que tornava complicado dar apoio a todos, em contrapartida foram nestes momentos que testemunhei mais entreajuda e autonomia. Para colmatar esta situação optou-se por prolongar a duração das sessões sempre que os participantes estavam motivados e por adiar a data de finalização do mural. De modo a que esta oficina fosse inclusiva foi pensada uma metodologia que permitisse que qualquer pessoa independente da faixa etária pudesse facilmente integrar o projeto a qualquer momento. Neste sentido, as ilustrações eram compostas por elementos de cor sólida definidas pelo contorno a preto. Assim primava-se sempre por terminar cada área de cor. Isto permitia distribuir cores e áreas pelos diferentes participantes deixando os mais pequenos destacados para a parte inferior do mural e os adultos tomassem o lugar em cima do andaime. Considero que esta metodologia funcionou bem. Numa primeira fase do projeto quando a adesão predominante pertenceu à faixa etária mais nova e o processo exigia alguma paciência para desenvolver os desenhos e a composição que iria para a parede não foi fácil manter o entusiasmo até que o ânimo surgiu no momento de pintar e ver realmente o projeto ganhar vida. O momento de preparação logística de cada sessão também era pouco motivador para eles, assim como a fase final que requeria o contributo para arrumar e limpar os utensílios da oficina, para ultrapassar esta questão mobilizamos para o local do mural todos os utensílios de limpeza para que não tivessem de se deslocar à sede do AMAReMAR sempre que necessitavam de uma fonte de água.

SURPRESAS

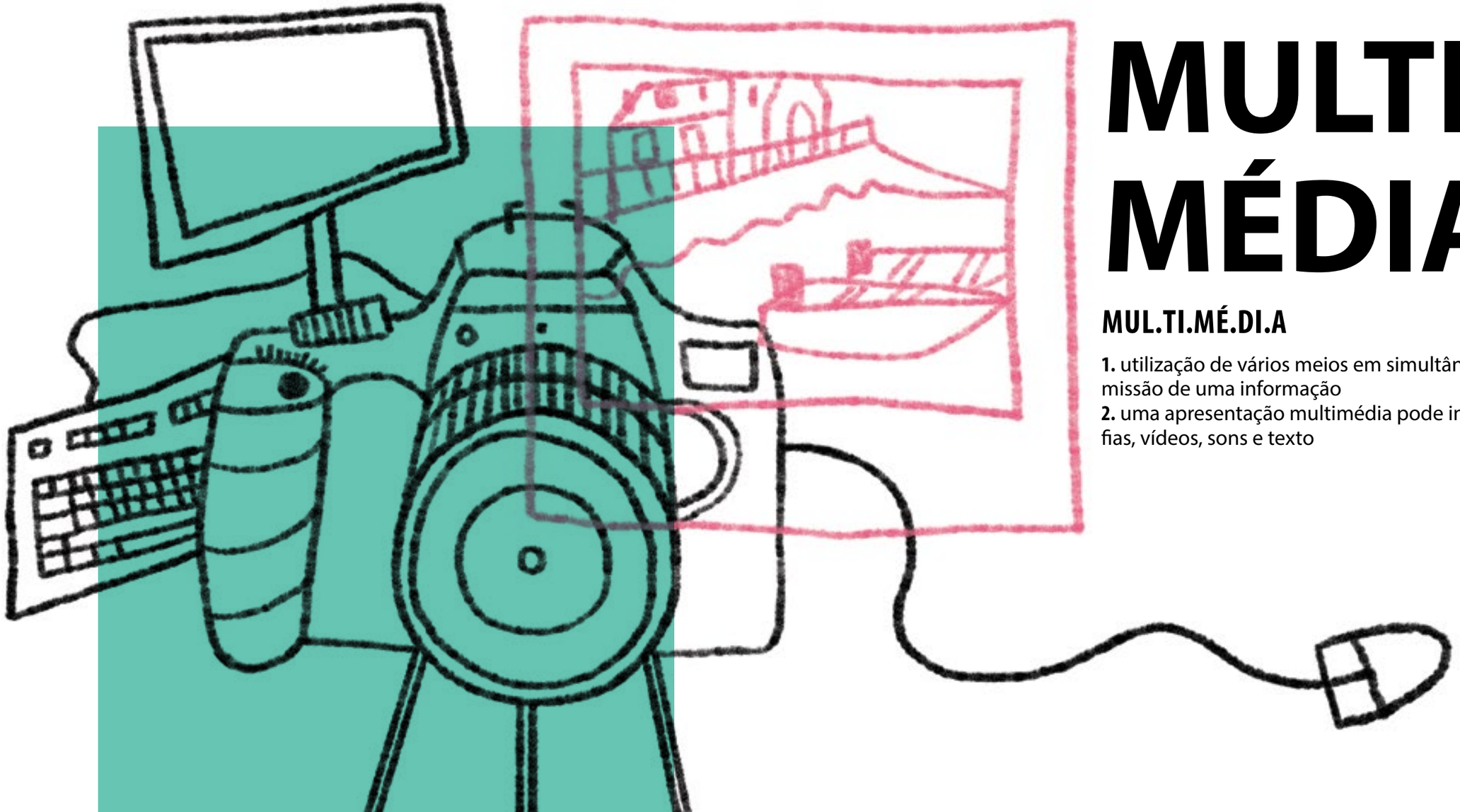
É surpreendente a forma como os participantes e vizinhos acarinharam o projeto tanto no momento da sua produção como agora após a sua conclusão. Ainda hoje se testemunha o orgulho dos que viram o projeto nascer e dos que participaram no seu aparecimento. Há relatos entusiastas de participantes carregados de vaidade ao verem o seu projeto ser fotografado e apreciado por turistas de passagem e caminhantes que param para contemplar. Estes sentimentos são um contributo e motivação para a conservação física dos murais. Destaco a documentação fotográfica de todo o processo de criação dos murais que foi um contributo absolutamente crucial e de iniciativa própria da participante Vânia Silva. Fica aqui o meu agradecimento.

Constatei que no trabalho com a comunidade o domínio da aprendizagem saber-estar e saber-ser, é tão forte que faz com que o saber-fazer entre num plano quase insignificativo…os mais velhos sentirem-se orgulhosos por ensinarem os mais novos, o oferecerem ajuda, o saber esperar, o trabalhar a paciência, o ceder para trabalharem em algo que menos gostam, o gerir frustrações, o pedir por favor, o cumprimentar quando se chega, o avisar quando se vai. Todos estes GRANDES pormenores foram importantíssimos na evolução e crescimento pessoal de cada um dos participantes que revelaram grandes momentos de construção de uma cidadania positiva. Para mim enquanto formadora foi um desafio desenvolver competências socioemocionais num público de várias faixas etárias, por forma a possibilitar uma harmonia e produtividade no trabalho. A grande potencialidade desta oficina foi: a valorização do trabalho dos participantes com a exposição de um trabalho com acesso permanente ao público; a promoção da história, tradições, locais do concelho de Esposende; e a revitalização de espaços públicos.

RECORDAÇÕES

Levo memórias bonitas, orgulho, rostos, sorrisos, abraços, gratidão, empatia com esta comunidade que também é minha. E levo dois sonhos concretizados: trabalhar num projeto de ilustração intergeracional e comunitário; e criação de ilustração mural para exposição pública, sendo ainda mais especial o facto de se ter concretizado na minha cidade natal.

Ficou um mural no “Sucupira”, um mural no Cantinho dos Pescadores e uma Joana mais orgulhosamente esposendense, mais do que já era…



MULTI MÉDIA

MUL.TI.MÉ.DI.A

1. utilização de vários meios em simultâneo na transmissão de uma informação
2. uma apresentação multimédia pode incluir fotografias, vídeos, sons e texto

DEIXANDO UM DOCUMENTO PARA O FUTURO

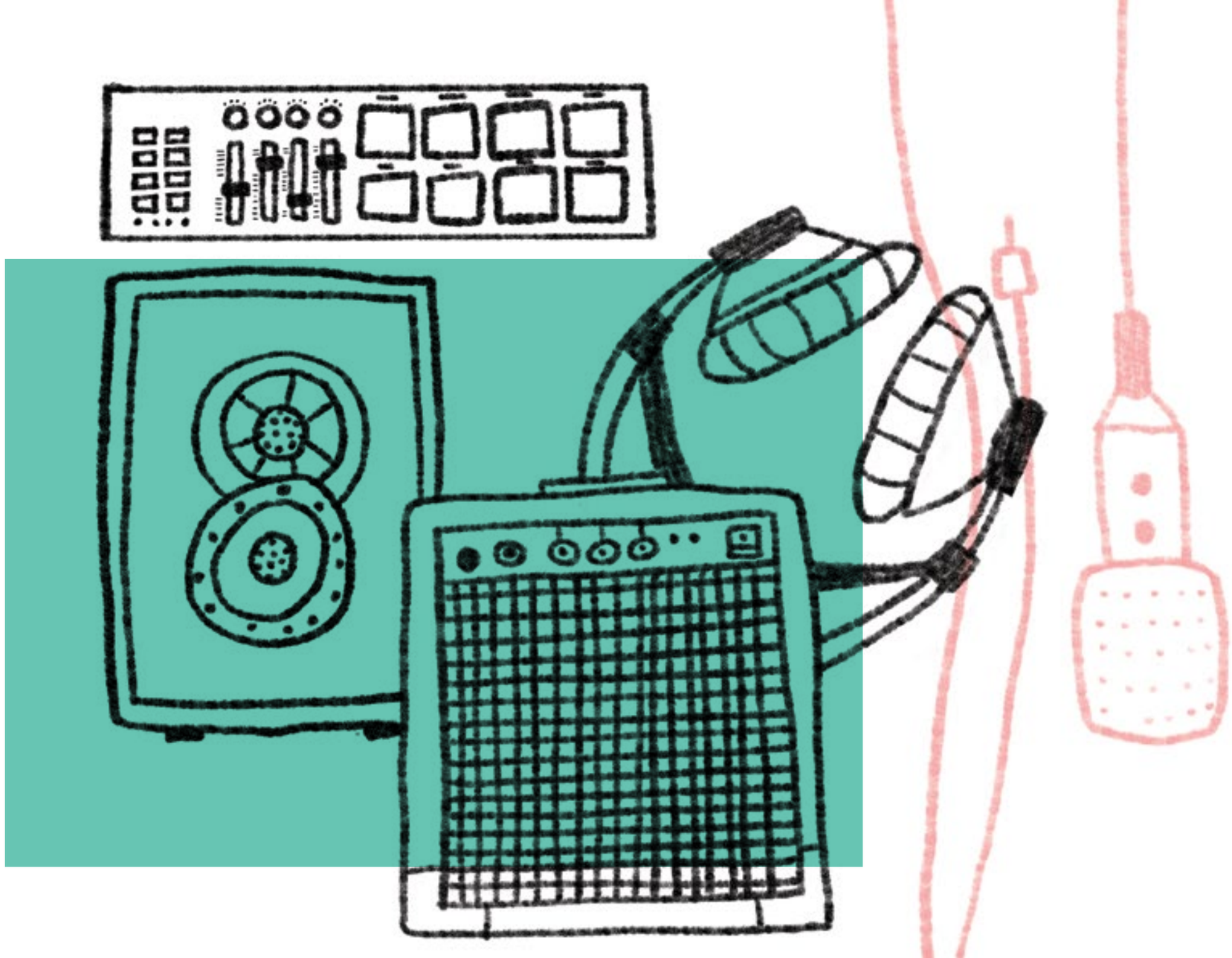
ROGÉRIO RIBEIRO

ARTISTA-FORMADOR DA OFICINA DE MULTIMÉDIA

A oficina que orientei para o projecto AMAReMAR focou-se em duas disciplinas da imagem – a fotografia e o vídeo. A Marina Sul foi o sítio selecionado para pôr estas técnicas em prática. Para além de se situar nas proximidades da sede do projecto, este lugar tem uma grande importância social e económica para a história de Esposende. O objectivo do grupo foi então criar um registo deste espaço, deixando um documento para o futuro. Durante uma primeira fase, foram introduzidas as técnicas base da fotografia digital, muitas destas transversais ao vídeo. Deste material recolhido, analisado em conjunto de sessão para sessão, o grupo selecionou as imagens com maior potencial a serem transformadas em vídeo com a finalidade de integrarem o filme.

As últimas sessões foram dedicadas então à introdução de dois novos elementos – o som e o tempo. A este retrato, num primeiro momento puramente visual, foi contraposto o depoimento de um pescador local, contextualizando esta profissão cada vez mais rara em Esposende.

O processo de edição do filme funcionou também de uma forma colaborativa, ignorando a autoria de cada imagem e integrando o trabalho de todos numa visão comum.



MÚSICA

MÚ.SI.CA

1. arte de combinar harmoniosamente vários sons, frequentemente de acordo com regras definidas
2. qualquer composição musical

A PARTILHA DA MÚSICA NO AMAReMAR

ANDRÉ SILVA

ARTISTA-FORMADOR DA OFICINA DE MÚSICA

O objetivo do projeto AMAReMAR consistiu na promoção da inclusão social, cultural e respetivo crescimento pessoal através de diferentes práticas culturais.
A música foi a atividade artística na qual me inseri. Tratando-se de um público-alvo tão vasto, os maiores desafios subssumiram-se na elaboração do melhor caminho e abordagem para o grupo que viesse a frequentar a oficina de música.
Primeiramente, e na minha opinião, importa enquadrar a relevância que o trabalho em conjunto pode alcançar para o ser humano. Como sabemos, o século em que vivemos apresenta questões centrais significativas que alteram o modo de interação com os outros. No caso, a apropriação da tecnologia, a abundância da informação, a carência de conhecimento, e outros. Assim, a meu ver, a pertinência do trabalho cooperativo e inclusivo constitui, também, a gênese deste projeto. Autores como Fontes e Freixo (2004) referem que a cooperação é intrínseca ao ser humano, e que ao longo da vida este procura a partilha com os outros de forma a alcançar as suas metas que jamais seriam possíveis de realizar sozinho.
Efetivamente, parece-me que é mediante a ação que se obtém o conhecimento, ou seja, apesar da minha formação profissional incidir no ensino de música, este projeto incluiu

"Na ausência do outro, o homem não se constrói homem."[1]

diversas competências e conteúdos que procurei adaptar e aprofundar sessão após sessão, de acordo com o público-alvo.
Inicialmente, defini algumas estruturas musicais, estipulei alguns ritmos e criei algumas dinâmicas com instrumentos de percussão fornecidos pela entidade promotora. Porém, rapidamente percebi que o sucesso estaria para além das minhas propostas. Os formandos pretendiam um papel além do desenvolvido pelo formador: procuravam a criação da ideia, no fundo, a criação de cada interveniente. A partir desse momento a oficina partiu para um campo mais improvisatório e daí foram recolhidos conteúdos com potencial para o sucesso deste projeto. Com as partilhas de todos, irromperam ritmos para os tambores, movimentos corporais sincronizados com a execução instrumental e ainda uma secção mais ligada à música electrónica.
Por fim, considero importante a reflexão sobre o meu caminho neste projeto. Enquanto formador de música e pessoa, a troca de saberes e experiências revelaram-se proveitosas no sentido em que foram partilhadas ideias que colmataram num projeto artístico criativo e com significância para todos os intervenientes.

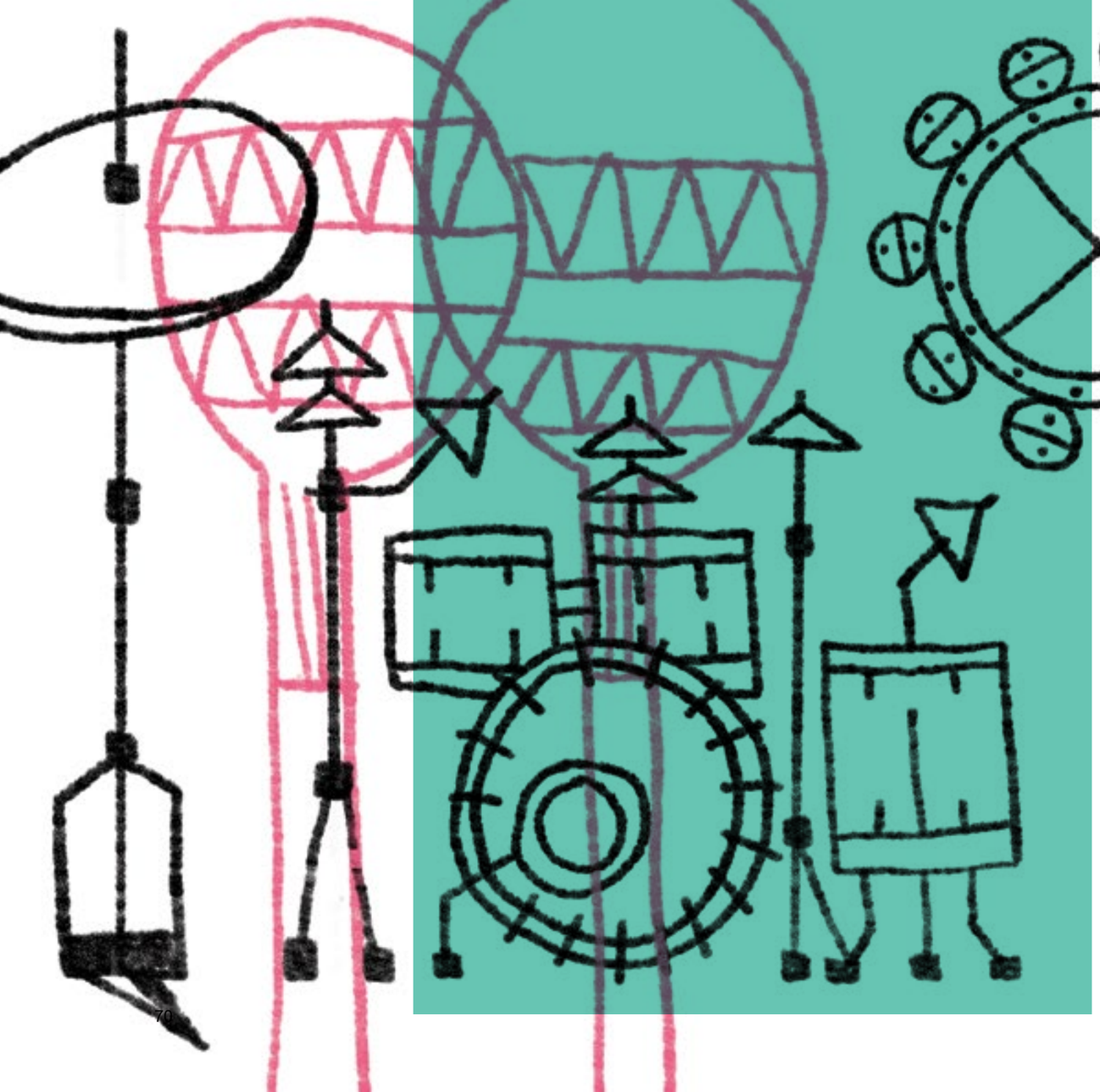
[1] Fontes, A., Freixo, O. (2004). *Vygotsky e a Aprendizagem Cooperativa – uma forma de aprender melhor.* Lisboa: Livros Horizonte.

OLHAMOS NOS OLHOS UNS DOS OUTROS E VEMOS ESPELHOS...

FILIPE MIRANDA

ARTISTA-FORMADOR DA OFICINA DE MÚSICA

Como formador no AMAReMAR, muito terei para contar, porque muito é digno de assinalar como experiência. Sentir-me como parte deste projecto é pessoalmente enriquecedor, no sentido em que a sensação que me fica é a de que aprendo mais do que ensino, que levo mais comigo do que aquilo que deixo. Impossível a anterior e confortável distância, depois de mergulharmos por aqui. Tornamo-nos um corpo vivo do processo e a Arte acontece, uns através dos outros.Talvez os participantes e os restantes formadores sintam o mesmo; se o sentirem, só pode ser bom. Talvez seja sinal de que existe de facto uma troca e de que a comunidade faz-se do que a comunidade absorve, não sendo estática, mas sim representando uma pequena grande forma em movimento. E a troca acontece em todas as fases; escorre na criação quando se olha o vazio enquanto se pensa numa solução para algo que surge, assenta no relaxar da mente após o dever cumprido de mais uma meta a alcançar, arrepia-se na luta das decisões e no calor do debate, acende-se intermitente nas desistências e frustrações, brilha nos olhos e nos sorrisos, na lágrima e no morder o lábio… a Arte acontece assim, em desafio. E pela troca que passa entre todos deixa então de existir uma idade, uma criança, um adulto, passa a existir um ser criativo.
O desenvolvimento da autonomia criativa, do espírito crítico e dos laços afectivos são, para mim, os pontos fortes do AMAReMAR. Percebemos do que somos capazes e crescem as asas; assinalamos o que passamos a identificar de mais premente no que vemos à volta e aí descolamos; olhamos nos olhos uns dos outros e vemos espelhos, entre as ilusões e o que julgamos certezas, vemos gente a ser gente. Aprendemos mais da respiração dos espaços físico/geográfico e humano/sensível, do que foi, o que é e como nele intervir para vir a ser. Espaços sempre em construção. Os minutos, os dias, as semanas, os anos do AMAReMAR são um contínuo desfilar de momentos a passar em revista. E todos os momentos são motivo de reflexão, seja do que passou, do desenrolar presente ou do planeamento futuro. E não só de reflexão, mas também de combate. Um combate que se faz com e pela Arte, com e pelas pessoas.



RITMO E PERCUSSÃO

RIT.MO · PER.CUS.SÃO

1. RITMO; ordenação dos sons musicais em termos de duração e de acentuação (juntamente com a melodia e a harmonia, é uma dos três elementos básicos da linguagem musical)
2. PERCUSSÃO; conjunto de instrumentos em que o som é produzido através de batimentos

ONDE A ENERGIA CRIATIVA PRETENDE SER O FOCO

JOÃO MIGUEL

ARTISTA-FORMADOR DA OFICINA DE RITMO E PERCUSSÃO

Habitar a mediação cultural e criativa numa comunidade como o AMAReMAR é quase como estar presente na vida das pessoas, nas suas casas, perceber os seus encantos e as suas turbulências diárias, com o objetivo de criar refúgios onde tudo isso se torna palco expressivo, e onde a energia criativa pretende ser o foco, canalizando-a. Contudo percebemos que fugir do dia a dia é impossível, como tal, a melhor forma é lidarmos com isso receptivamente e absorver dessa fonte criativa que isso pode envolver, tornar a sala de ensaio, a sede da comunidade ou outro espaço qualquer numa sala de estar coletiva, de partilha de ideias, experiências diárias, histórias diferentes, histórias iguais, contadas de diferentes ângulos, com as diferentes virtudes de podermos contar com cruzamentos de múltiplas personalidades dos 8 aos 80, em que todos querem e têm a possibilidade de serem protagonistas da mesma história. Onde uma sala de ensaio vira jardim de infância (nos intervalos dos ensaios no polivalente do infantário), onde a festa do bairro vira festival de verão, onde se transformam restaurantes em palcos da vida Esposendense, com os búzios e as vozes em harmonia soam bem alto, onde uma participação na Praça da Alegria vira episódio de novela onde todos querem contracenar com o Jorge Gabriel, tudo graças a estas maravilhosas pessoas de espírito encantador que tanto fazem falta a qualquer cidade, em qualquer lugar.
Ensinar o público a olhar a comunidade com foco nas suas características transformadas em quadros expressivos, é uma das melhores formas de desmistificar a sua beleza cultural.

RTP DIRETO
PRAÇA DA ALEGRIA
BOM DIA COM A PRAÇA DA ALEGRIA

TEATRO

TE.A.TRO

1. lugar ou casa onde se representam comédias, tragédias, farsas, revistas, etc
2. arte de representar

LIGAÇÕES AFETIVAS

EVA FERNANDES

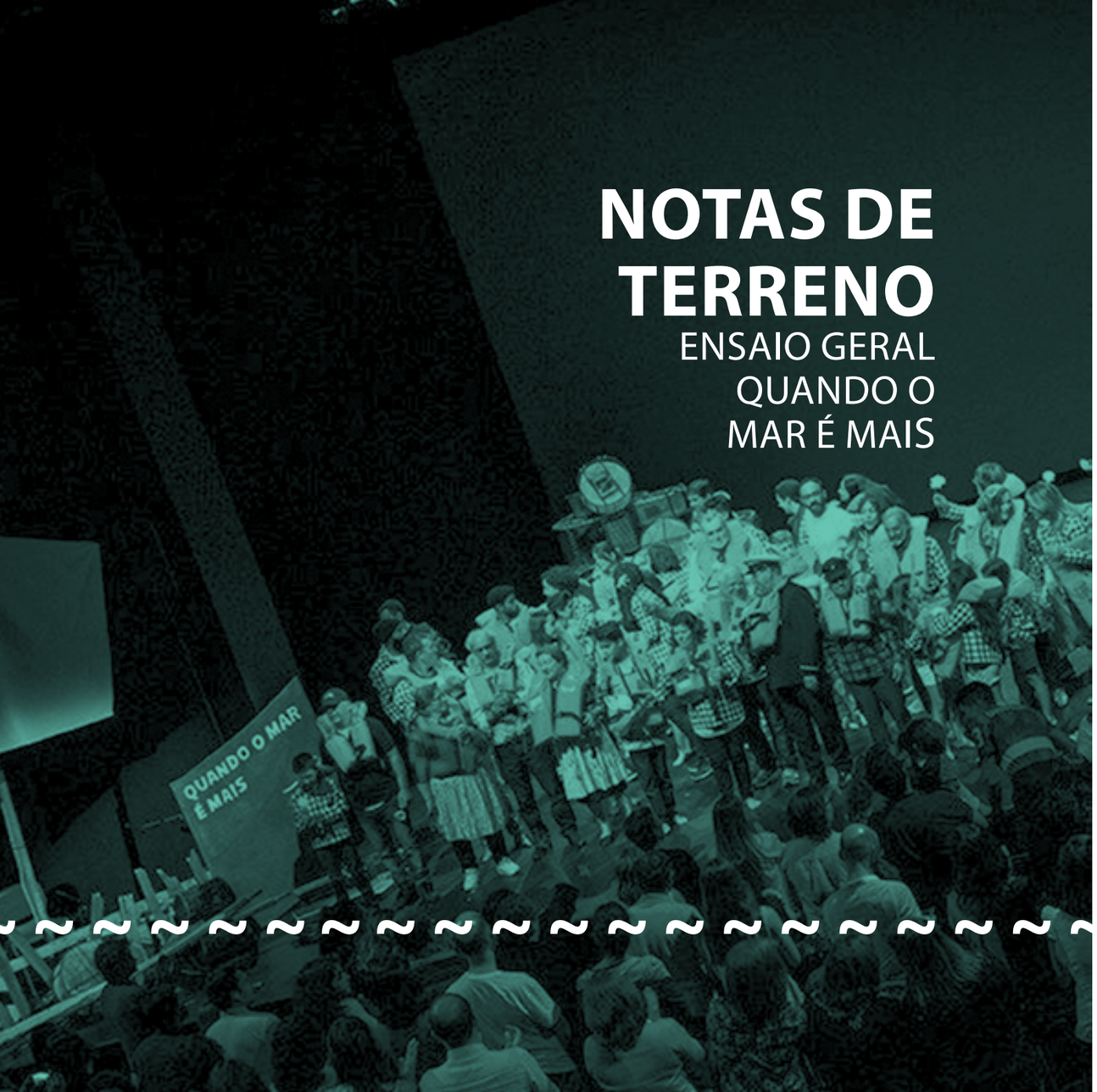
ARTISTA-FORMADORA DA OFICINA DE TEATRO

Foi para mim uma honra ter sido convidada, pelo Município de Esposende, para ser a primeira coordenadora artística, neste projecto de Arte e Comunidade. E é com orgulho que digo ter sido minha a ideia do nome com que ainda hoje ele é nomeado. AMARe-MAR: o mar é elemento essencial em Esposende e criar laços é essencial na vida das comunidades. Dois bairros de esposende surgiram de imediato como prioritários para a implementação dum projecto desta natureza: Sucupira e Lagoa. Habitados sobretudo por pessoas que regressaram das ex-colónias e seus descendentes e também por uma grande parte da comunidade piscatória local, estes bairros vivem um pouco na periferia da vida comunitária, da vida política, da vida económica da vida cultural. A ideia é, através das artes, aproximá-los e criar uma sociedade mais coesa, mais justa e onde todos se possam envolver na vida em comum.

O teatro, pela sua natureza, tem a capacidade de agregar em si todas as outras artes e portanto, apesar das diferentes oficinas (teatro, ilustração, música e tecnologia e video) terem actividades independentes, trabalhámos para que todas elas contribuíssem para o espectáculo teatral que seria o culminar do primeiro ano de projecto.

Na oficina de teatro criou-se um grupo de pessoas que, passaram a encontrar-se regularmente com vontade de rir, de jogar, de falar do que significa ser de Esposende, do que significa ser daquele bairro, partilhar e contar as suas histórias, representá-las, senti-las, compreendê-las e no final partilhar tudo isso com toda a comunidade, numa apresentação pública que acabou por decorrer no “coração” da cidade, onde o edifício da Câmara Municipal foi também cenário deste espectáculo.

Quanto a mim, acho que foi um feliz (re)encontro, entre a comunidade com a comunidade. Houve orgulho, alegria e partilha. Todos (público e actores) sentiram as histórias como suas. Agradeço a todas e a cada uma das pessoas que comigo fizeram esta caminhada, tudo o que aprendi, todo o carinho que recebi e por sair muito mais rica, quer pessoal quer profissionalmente. Hoje já não faço parte mas fico feliz pelo projecto continuar e por parecer que irá dar cada vez mais e melhores frutos.



NOTAS DE TERRENO

ENSAIO GERAL QUANDO O MAR É MAIS

HUGO CRUZ

ARTISTA-FORMADOR DA OFICINA DE TEATRO

Todos, sem exceção, arrumam e preparam a sala do infantário onde se irá desenrolar o mesmo. Alguns participantes dedicam-se à montagem da cenografia, dos instrumentos musicais, à organização dos figurinos e adereços. Do elemento mais novo (6 anos) ao mais idoso (88 anos) todos participam nesta preparação rigorosa para o que segue [...]. Acrescenta-se a vinda do nadador-salvador que traz pedras da praia, da técnica da câmara municipal que comunica que iniciou contato com a associação de pescadores para a cena que envolve o barco e da filha da costureira que experimenta algumas soluções com os figurinos.

Maio 2017

Pôr-do-sol intenso, tão intenso como a nortada que entra em todas as partes dos cerca de 70 corpos presentes na lota. A nortada que se infiltra em todos os lugares, visíveis e invisíveis, mas que parece desconcertadamente alimentar a motivação para o ensaio, para o querer estar ali. O grupo organiza os últimos pormenores para começar o ensaio [...] Falta, no entanto, algo essencial. É necessário retirar as redes de pesca antigas, pesadas, sujas, entrelaçadas de um lugar, aliás que interrompiam o acesso a essa área da lota. Essa mudança acaba por acontecer, depois de muitos obstáculos, pela necessidade de passagem de atores, de movimentação de maquinaria e implementação do desenho de luz. O espaço público da lota, pela necessidade definida, momentaneamente, pelo espaço cênico passou a ter concretamente uma área limpa pelos participantes de redes antigas que já não podiam ser usadas e por isso um acesso mais fácil na ligação da ria com a lota facilitando o trabalho diário.

Junho, 2017

UM ASTERISCO QUE LEMBRA UM SOL

SUSANA MADEIRA

ARTISTA-FORMADORA DA OFICINA DE TEATRO

Durante os encontros com Triumph'arte, registei frases de todos os envolvidos que demonstram certezas, dúvidas, recuos, avanços, passos atrás, passos à frente, consensos e não consensos, expectativas versus realidades… em suma, o crescimento em colectivo, objectivo mais do que desejado durante um processo de trabalho. Faço de alguns desses testemunhos, o meu testemunho.
Nota: Calorosamente, substituirei todos os nomes por 1 asterisco que lembra um Sol.

Sugere o*, tenho uma sugestão para o nome do nosso grupo, Espo Sul, e* responde, mas isso não é comunitário, tem de se incluir norte e sul.
Pergunta o*, neste momento quantos pescadores há em Esposende?, e* responde emocionado, não me pergunte isso que dá-me vontade de chorar.
Alguém falou da pontualidade, * afirma, tem de ser uma responsabilidade de todos.
Esposende é um cantinho à beira-mar plantado,* expressa-se.
Isto é o ouro do mar, disse* orgulhosamente, pegando nas algas secas.
Fico contente que a minha colcha seja usada no espectáculo, diz*.
A areia namora com o mar, surpreende-nos uma criança, o*.
Eu era isto, porque é que eu vou dizer mentira?, partilha a*, apontando para a sua fotografia numa visita ao Museu Marítimo de Esposende.
O mar é cão, assegura*.

o mar é cão

Está a ficar tudo aprumadinho, sustenta a*.
Acho que devia ficar Triumph'arte, porque é o que nós fazemos aqui, triunfar, manifesta a*.
Após uma história picante, a* tenta acalmar-me, não se preocupe, menina, as crianças sabem mais do que nós.
Ui, isto está aqui muito trabalhinho, o* fica aflito.
E eu não posso ter um vestido florido para cantar o fado?, pede a*.
É mesmo preciso o silêncio, é o mais bonito?, descobre o* aquando da construção de uma cena.
O espectáculo é vosso! Agarrem-no com unhas e dentes, grita a* durante um ensaio na doca de Esposende.
Temos de ser mais fortes que a nortada, implora a* num outro ensaio na doca de Esposende.
Em primeiro lugar têm de ser os actores a segurar isto, lembra a*.
Isto vai, ai vai, descansa-nos o*.
Quando o público vier para a cena, vai ser um estrondo, entusiasma-se a*.
O* já veio hoje ao ensaio, porque não sabia como desistir, confessa a*.
Temos de fazer um tema que seja específico de Esposende, evoca a*.
Já temos o tema, palmas, comemora a*.

Não é que a* foi comentar o que estamos a fazer lá fora, zanga-se a*.
Não gosto deste lugar, revela a* sobre um possível espaço de apresentação.
Hoje já me sinto mais animada. Ontem saí daqui triste, acho que é o espaço, expressa a*.
Isto devia ser mais divulgado, apresenta a*.
Estou um bocado perdida, mas eu vou lá, confessa a nova participante*.
Qual vai ser o meu papel no próximo espectáculo?, anseia o*.
Outros testemunhos foram ditos ao meu ouvido após as apresentações, mas esses guardo-os para mim. Obrigada a todos pela confiança e amizade. Somos uma família com tudo o que isso implica. Seguiremos.
Apoio incondicional e agradecimento especial: Hugo Cruz.[1]

[1] Texto redigido com recurso aos testemunhos da Família Esposendense.

PASSÁMOS A PANDEMIA JUNTOS

ROSÁRIO COSTA

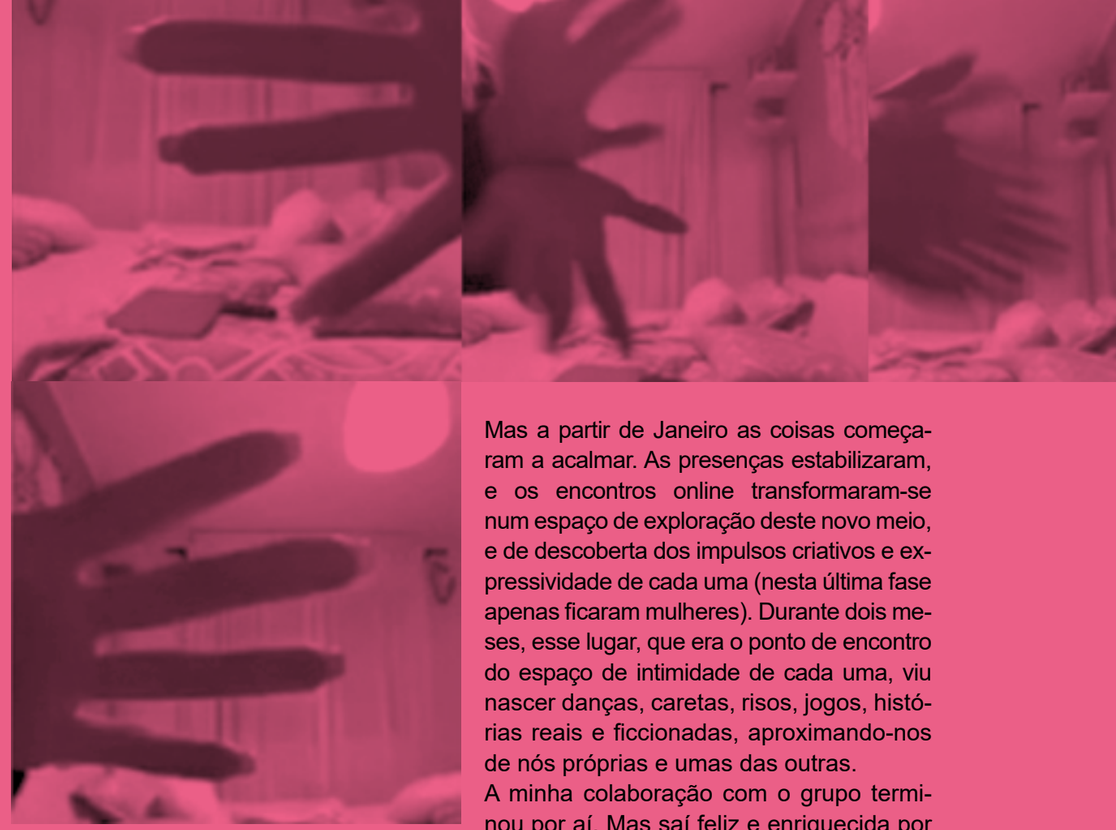
ARTISTA-FORMADORA DA OFICINA DE TEATRO

Fui convidada para dar formação no projeto AMAReMAR em setembro de 2020. O grupo de teatro já estava formado há uns anos e o convite implicava substituir por uns meses a formadora e encenadora e habitual – Susana Madeira – que estava de licença de maternidade. Fiquei bastante entusiasmada e expectante: há muito ouvia a Susana falar do trabalho que fazia em Esposende, sabia que tinham já apresentado alguns espetáculos fortes e que era um grupo grande e entusiasta.

Mas a expectativa nascia também de outro fator: era a primeira tentativa de retorno desde o início da pandemia. Depois de meses de confinamento, e de um Verão de cautelosa abertura, íamos finalmente poder retomar atividades presenciais, respeitando todas as medidas de segurança estipuladas na altura. As primeiras sessões superaram logo de longe as minhas expectativas.

Quem já tenha dado algum tipo de formação ou atividade de grupo à noite sabe que em geral é sempre um pouco mais exigente. Todos os participantes (incluindo quem está a orientar) já tiveram um dia cheio de atividades e, em geral, é necessário fazer um esforço extra para ativar o grupo e manter a sessão viva e cativante. Mas todas as semanas, sempre que chegava a Esposende, encontrava um grupo de pessoas entusiasmadas: animadíssimas por estarem juntas e cheias de vontade de receber o que eu trazia para lhes propor. Nem as máscaras disfarçavam essa energia contagiante, nem os constrangimentos que as regras de distanciamento impunham, esmoreciam a vontade e entrega do grupo. Foram sessões muito divertidas e construtivas.

Ao fim de cerca de um mês de trabalho, a situação pandémica piorou novamente e os encontros presenciais foram suspensos. Ficamos umas semanas em pausa e logo se percebeu que a paragem estava para durar novamente. Mas como a experiência do primeiro confinamento nos tinha trazido novas ferramentas, surgiu a possibilidade de tentarmos prosseguir online.



Nem todos sentiram o chamado a abraçar o desafio, mas ainda havia um pequeno grupo de pessoas com vontade e avançámos. O início foi um pouco atribulado. Alguns foram também apanhados pela pandemia, outros receberam novos desafios profissionais, por vezes a rede falhava em algumas casas…

Mas a partir de Janeiro as coisas começaram a acalmar. As presenças estabilizaram, e os encontros online transformaram-se num espaço de exploração deste novo meio, e de descoberta dos impulsos criativos e expressividade de cada uma (nesta última fase apenas ficaram mulheres). Durante dois meses, esse lugar, que era o ponto de encontro do espaço de intimidade de cada uma, viu nascer danças, caretas, risos, jogos, histórias reais e ficcionadas, aproximando-nos de nós próprias e umas das outras.

A minha colaboração com o grupo terminou por aí. Mas saí feliz e enriquecida por ter conhecido um grupo de pessoas tão extraordinárias e segura de ter passado por um daqueles momentos marcantes da vida. Ao rever algumas notas e textos que guardei desse tempo encontro o reflexo desse sentimento num comentário de uma das participantes: "*…tens aqui um grupo de pessoas que nunca te vai esquecer: passámos a pandemia juntos!*".

2015

formação de artistas-formadores

inauguração da sede

2016

participação no NAA-festival novas artes associadas

espetáculo Mar de Gente

2017

hip hop party

espetáculo Quando o Mar é Mais

participação no Esposende a dançar

participação no Mesce-Festival de Arte e Comunidade

inauguração do Mural no Sucupira

2018

Festa do Vizinho

videoclip S90

teatro fórum Tu e eu e agora

participação na Feira do Brincar é coisa séria

participação na Feira de Artesanato

inauguração do Mural no Cantinho dos Pescadores

decoração de Natal na cidade

2019

participação no 20º Março com Sabores do Mar

participação no Dia da Criança

participação na Feira do Brincar é coisa séria

participação no programa Praça da Alegria - RTP

espetáculo Quatro Cinco Dois Cinco

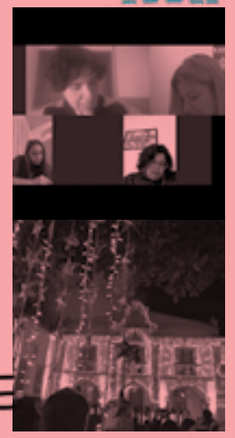
espetáculo Uma tentativa de Revista

decoração da cidade: Março com Sabores do Mar, Mês de Prevenção dos Maus Tratos na Infância, Viver Abril, Noite Branca e Natal

2020

intervenção na inauguração do mural da autoria de "Chils "Scratching the surface - Mulheres do Mar"

2021



sessões online Cara Corpo Corpo Cara

vídeo de animação Amar Abril

decoração de Natal na cidade

2022

participação na Catraia de Livros - Semana da Leitura

espetáculo Inquietação

instalação artística REDES

trabalho discográfico RESTINGA

Fórum Internacional de Arte e Comunidade

livro AMAReMAR

AS PALAVRAS QUE NOS INSPIRAM

ALVOR
O último lanço, ao raiar da aurora. A sardinha do alvor é uma expressão utilizada para nos referirmos à sardinha mais fresca, a da madrugada, a sardinha vivinha do nosso mar.

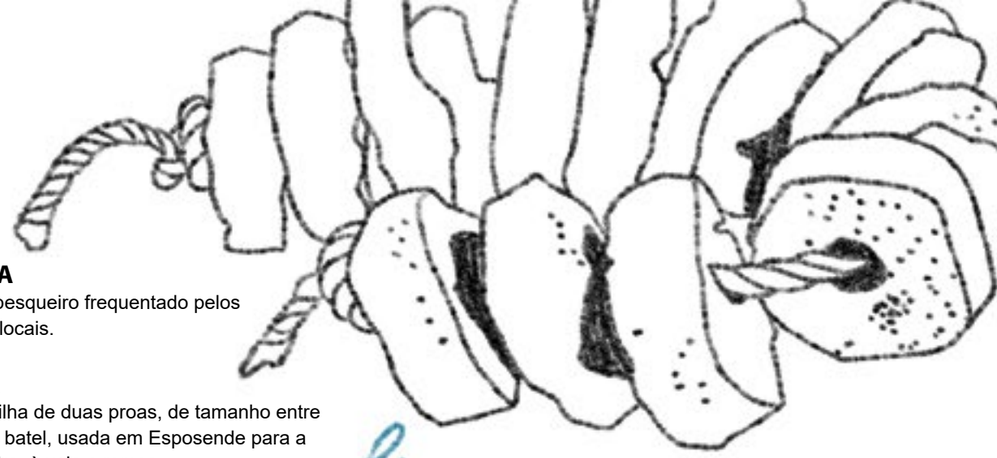
a

AGULHA
Instrumento utilizado para fazer ou atar (remendar) redes. Apresenta recorte interior vazado onde sobressai uma haste pontiaguda a que os pescadores chamam "língua". A parte posterior termina numa reentrância em "U", vulgarmente designada por "cú" utiliza-se na confeção da rede. Começou por ser feito em madeira (castanho, medronho e pinho) e, com o passar do tempo, têm sido utilizados outros materiais, nomeadamente o metal e o plástico. O seu tamanho varia consoante a dimensão da malha. Geralmente, as agulhas eram feitas pelos próprios pescadores com o auxílio de uma navalha. A arte de tecer redes passou de geração em geração e era confecionada, na maioria das vezes, pelos próprios pescadores, esposas e filhas. Os redeiros consideram mais difícil remendar a rede, nomeadamente colocar espelho do que tecê-lo.

b

BOTIRÃO
Aparelho tipo armadilha fixa, de espera, colocado no rio, em águas pouco profundas por vezes com o auxílio de um pequeno barco, com a boca a favor da corrente sendo mantido esticado através da utilização de uma cana para a apanha da lampreia.

BUZINA
Usada para avisar que os pescadores traziam peixe para venda.



c

CACHADA
Nome dum pesqueiro frequentado pelos pescadores locais.

CATRAIA
Barco de quilha de duas proas, de tamanho entre a lancha e o batel, usada em Esposende para a pesca costeira, à vela e remos.

CHIRRA
Pedaço de pano de qualquer cor que é enfiado na gadanha para afastar o sargaço dos poços de mar e apanhar os polvos.

CÓDIGO DE MARCAS DE TERRA
Pontos de referência de auxílio à navegação costeira como por exemplo, a Capela de S. Lourenço, o Monte da Franqueira, Senhora da Guia de Belinho, o Moinho do Estado das Marinhas, a Capela da Senhora da Bonança.

CORTIÇAS
Pequenas boias de cortiça redondas e furadas no meio, aplicadas ao longo das cordas de cada uma das redes, nas quais os pescadores costumavam fazer incisões das suas marcas de família para identificar propriedade.

f

FAROL
Torre com um foco luminoso, situado na costa marítima, que serve de guia à navegação.

FISGA
Era utilizada na arte da pesca para ferimento destinado à captura da lampreia. É constituída por um pente de dentes altos, barbelado, colocado na extremidade de um cabo de madeira. A fisga de arremesso tinha uma haste de ferro com 40 cm e doze dentes, cada um com 10 cm de comprimento. Às fisgas eram presos cabos de massa para facilitar a sua alagem após o lançamento, nomeadamente na ponte de Fão.

GALHEIRO
Arte de pesca de cana de bambu com um comprimento de cerca de 5 metros e na ponta tinha uma coroa com 4 anzóis. Usada na pesca da lampreia (no paredão da barra).

GAMELA
Recipiente de madeira utilizado na venda de pesca pelas Regateiras de Esposende. Era levado na cabeça com uma rodilha.

GIGA
Uma espécie de cesta utilizada como unidade de medida da Faneca.

GRAVETA
Semelhante ao ancinho, com cerca de 2 metros de cumprimento e feito de madeira. Composto por 20 dentes na parte de baixo e outros 10 mais pequenos na horizontal. Ajuda a arrastar o sargaço depois que este chega à areia.

MARCAS DE PESCADORES
As marcas eram utilizadas pelos pescadores para identificarem a posse dos utensílios de pesca ou com ela relacionada. Normalmente eram marcas simples como: desenho de cálice aberto, cálice fechado, barco, grade, arpão e meio arpão, cruz, sarilho, entre outros. Estas eram incisas nos “muros” – pequenas tiras de madeira ou metal, sobre a qual se tece a rede e que marcam a medida da malha -, em “cortiças” e noutros objetos que lhes pertenciam. Geralmente, cada família tinha a sua marca, adicionando-lhe galhos ou piques ao desenho principal, conforme o número de descendentes. Regra geral, as marcas passavam de pais para filhos. Mais tarde, com a alfabetização em alguns casos começaram a utilizar as iniciais dos nomes como marcas.

A escolha de palavras para este glossário foi feita privilegiando as palavras mais utilizadas pela comunidade piscatória Esposendense. Existem muitas outras palavras que gostaríamos de integrar.

REDE DE BARGUEIRA
Rede de arrastar para terra com 100 metros de comprimento.

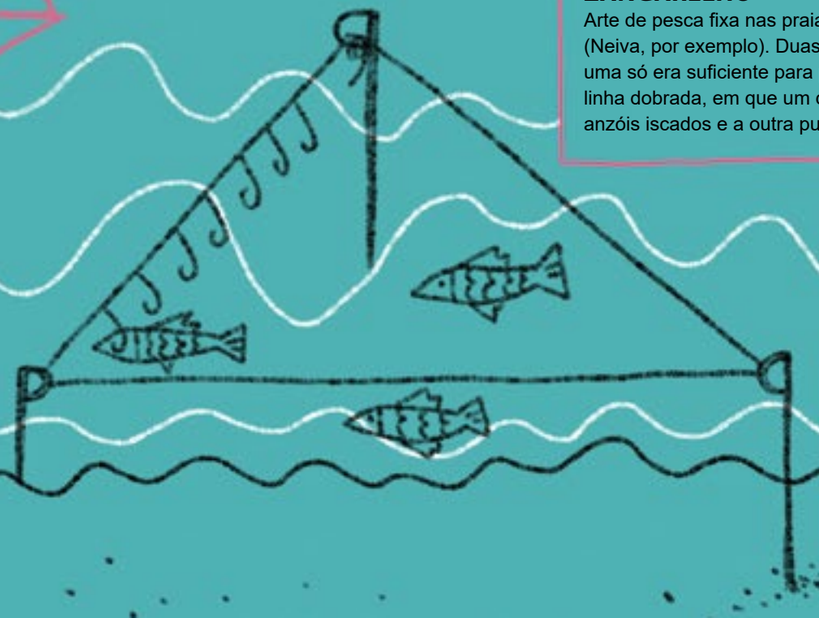
REDE FANGUEIRA
Rede de mar com 31 metros de comprimento e 3,5 metros de altura, levando chumbos na parte inferior e cortiças na superior.

ROUPA DE OLEADO
Vestuário utilizado pelo pescador para trabalhar. Chamava-se Oleado, porque o tecido se tornava impermeável depois de dadas várias demãos de óleo de linhaça até ficarem amarelos. A mais conhecida era a japona, uma espécie de gabardina mais curta de algodão e o Sueste para por na cabeça do mesmo tecido.

TABORRA
Algas agarradas às rochas. Antigo nome dado ao sargaço.

VARGUEAR
É um cerco de rede largada por um barco com um ponto fixo em terra e cujo cerco vai ser alado por pessoas em terra.

ZANGARELHO
Arte de pesca fixa nas praias, ou nos rios (Neiva, por exemplo). Duas estacas ou uma só era suficiente para passar uma linha dobrada, em que um dos lados levava anzóis iscados e a outra puxava para terra.



marcha popular

Esposende
Terra formosa
Tem mais rio
E uma praia ventosa
Tem revisteiros
Como não há outros iguais
Tem marinas
Pé no rio
E piscinas municipais

Esposende
Tem restaurantes
Pastelarias lotas e tasquinhas
Bons folhadinhos e cavacas
Esquimós e clarinhas
Esposende
Tem bons queijos
E manteigas das Marinhas
Tem bons vinhos
Das nossas quintas
Brancos tintos e alvarinhos

Ser Esposendense
É algo que não se aprende
Por isso
Vamos todos gritar
Esposende, Esposende, Esposende

José Miquelino, 2019
Baseado no Hino da ADE de Manuel Silva

AMAReMAR – impressões · arte · comunidade

O Município de Esposende agradece a todas as pessoas, entidades e coletividades que, direta ou indiretamente, estiveram envolvidas, desde o início do projeto AMAReMAR.
Pela natureza e frequência do seu envolvimento e colaboração, destacamos as seguintes entidades e pessoas:
Associação dos Pescadores Profissionais do Concelho de Esposende
Coro Ars Vocalis – Escola de Música de Esposende
Esposende 2000, E.M.
Jorge Ferreira
José Felgueiras
Museu Marítimo de Esposende – Fórum Esposendense
Santa Casa da Misericórdia de Esposende

Referências
Conceito.de
Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora.
Data de Edição
Novembro 2022
Impressão
Norprint - A casa do livro
Tiragem
500 exemplares
Depósito Legal
507440/22
ISBN
978-989-53568-5-0

Edição
Município de Esposende
Coordenação editorial
Hugo Cruz
Coordenação do projeto
Diogo Zão e Marina Costa
Produção Executiva
Andreia Costa
Ilustração e design gráfico
Joana de Rosa
Texto
Benjamim Pereira
Hugo Cruz
Diogo Zão
Marina Costa
Teresa Mora
André Silva
Ana da Silva
Eva Fernandes
Filipe Miranda
Joana de Rosa
João Miguel
Rogério Ribeiro
Rosário Costa
Susana Madeira
Testemunhos
Ágata Machado
Alexandra Flores
Alexandra Trindade
Anabela Afonso
André Marafona
António Ferreira
Cristina Maia
Cristina Vasquinho
Daniela Eiras
Elisabete Ferreira
Eva Abreu
Hugo Fernandes
Isabel Trindade
João Loureiro
José Marques
José Miquelino
Lúcia Ribeiro
Lurdes Miquelino
Mafalda Coutada
Margarida Marques
Marina Santos
Nazaré Mendanha
Orlando Graça
Rafaela Fernandes
Rita Ribeiro
Sameiro Fraguinha
Sónia Cruz
Teresa Nibra
Tomás Morgado
Vítor de Barros
Fotografia
Luís Eiras - Município de Esposende
Mário Negrão
Miguel Ferreira
Rogério Ribeiro
Rui Teixeira
Vânia Silva

amaremar

ESPOSENDE
câmara municipal

NORTE2020
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

PORTUGAL 2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu